



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

THIAGO FERNANDO SPANHOLETO CONTI

UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO ZEITGEIST: LIBERALISMO E UTILITARISMO

An analysis of the movement Zeitgeist: liberalism and utilitarianism

LIMEIRA

2018

THIAGO FERNANDO SPANHOLETO CONTI

UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO ZEITGEIST: LIBERALISMO E UTILITARISMO

An analysis of the movement Zeitgeist: liberalism and utilitarianism

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Dissertation presented to the Faculty of Applied Sciences of the University of Campinas as part of the requisites required to obtain a Master's Degree in Applied Humanities and Social Sciences.

Orientador: **Prof. Dr. Mauro Cardoso Simões**

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO THIAGO
FERNANDO S. CONTI E ORIENTADO PELO
PROF. DR. MAURO CARDOSO SIMÕES.

LIMEIRA

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

C767a Conti, Thiago Fernando Spanholeto, 1987-
Uma análise do movimento Zeitgeist : liberalismo e utilitarismo / Thiago
Fernando Spanholeto Conti. – Limeira, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Mauro Cardoso Simões.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Ciências Aplicadas.

1. Movimento Zeitgeist. 2. Capitalismo. 3. Valores. 4. Consciência. 5.
Utilitarismo. I. Simões, Mauro Cardoso, 1973-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: An analysis of the movement Zeitgeist : liberalism and
utilitarianism

Palavras-chave em inglês:

Zeitgeist Movement

Capitalismo

Values

Consciousness

Utilitarianism

Área de concentração: Modernidade e Políticas Públicas

Titulação: Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Banca examinadora:

Mauro Cardoso Simões

Dilnei Giseli Lorenzi

Oswaldo Gonçalves Junior

Data de defesa: 31-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas

COMISSÃO EXAMINADORA

DEFESA REALIZADA EM 31 DE AGOSTO DE 2018

Prof. Dr. Mauro Cardoso Simões (Presidente)

Prof. Dr. Oswaldo Gonçalves Junior

Prof. Dr. Dilnei Giseli Lorenzi

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer meu orientador prof. Dr. Mauro Cardoso Simões por acreditar no projeto, pelo incentivo na pesquisa, pelos diálogos e pelas aulas. Agradeço os professores Oswaldo Gonçalves Junior e Dilnei Giseli Lorenzi pelas contribuições valiosas desde a qualificação que possibilitaram a abertura de caminhos e o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas por possibilitar o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço também minha família especialmente para minha mãe Nair Ap. S. Conti e minha irmã Fernanda S. Conti pelo investimento incondicional de amor e carinho em minha trajetória acadêmica. Agradeço Paulo R. Almeida e Ana Lucia C. Almeida pelo incentivo e apoio na busca por conhecimento.

Agradecimento especial para minha companheira de vida Ana Carolina C. Almeida, pela paciência, pelo carinho, pelo compartilhamento de ideias e por estar ao meu lado em todos os momentos.

RESUMO

Neste trabalho explora-se o funcionamento do Movimento *Zeitgeist*, um movimento que almeja a superação do sistema econômico atual (capitalismo) e para tanto propõe uma mudança de valores e de consciência. Assim, o movimento organizado em uma rede global, através de grupos nacionais e grupos regionais, alia uma proposta de governo baseada na ciência e em uma economia de gestão de recursos, fundamentada nos avanços tecnológicos e nas Leis Naturais como o ponto de partida lógico para todas as decisões e processos, com o objetivo exclusivo do bem-estar social. O movimento *Zeitgeist* tem em vista conscientizar as pessoas dos benefícios que a ciência pode oferecer e, posteriormente, aplicar a proposta de uma sociedade projetada/planejada com valores humanistas e igualitários. Desta forma, se faz uma discussão sobre o próprio papel da ciência hoje e suas implicações e desafios. Busca-se, também, uma investigação sobre as deficiências, limitações e consequências do sistema capitalista atual e analisar as possibilidades de uma revolução de valores/concepção de vida, tomando como referência Jiddu Krishnamurti, Thomas Paine e, principalmente, as ideias de liberdade e felicidade de John Stuart Mill.

Palavras-Chave: Movimento Zeitgeist, Sistema Capitalista, Valores, Consciência, Utilitarismo.

ABSTRACT

This work intends to explore the working out of Zeitgeist Movement as a movement that aims at the overcoming of the current economic system (capitalism), by producing a change of social values and consciousness. So, this movement, organized in a global network of national and local groups, unites a government proposal based on Science and resources management economy, founded on technological improvement and on Natural Laws, as a logical starting point for all decisions and processes, having as its unique objective the social welfare. Zeitgeist Movement intends to make people conscious of the benefits Science can offer and, afterwards, to apply the proposal of a society planned according to humanistic and equalitarian values. This way our work carries out a discussion about the role of Science in present days, its implications and challenges. We search to investigate the deficiencies, limitations and the consequences of the current capitalist system and also to analyse the possibility of a revolution of values and life conceptions, drawing upon Jiddu Krishnamurti, Thomas Paine and mainly John Stuart Mill's ideas of freedom and happiness.

Keywords: Zeitgeist Movement; capitalist system; values; consciousness; utilitarianism.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 – As características do Movimento <i>Zeitgeist</i>.....	11
1.1 - Descrição dos Documentários.....	14
1.2- A configuração do Movimento <i>Zeitgeist</i> enquanto movimento social.....	34
1.3 – As finalidades do <i>Movimento Zeitgeist</i>	38
1.4 – <i>Zeitgeist</i> : Ciência e Método.....	41
1.5 - Crítica e percurso para o método científico no <i>Zeitgeist</i>	43
2 – <i>Zeitgeist</i>: economia e política.....	50
2.1 – A economia de recursos em questão.....	63
2.2 – As possibilidades de uma economia transnacional.....	65
3 – Liberalismo e Utilitarismo	71
3.1 - Os aportes do Liberalismo	72
3.2- As propostas utilitaristas	80
3.3 – Seria o Movimento <i>Zeitgeist</i> uma perspectiva global plausível?	85
Conclusão	91
Referências	98
Anexos	102

INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, apresentar o funcionamento do *Movimento Zeitgeist*, bem como analisar seus pressupostos teóricos. O interesse por apresentar esse movimento social nasceu a partir da observação do documentário do movimento intitulado *Movimento Zeitgeist (2007)*, um material de divulgação com a proposta de um modelo socioeconômico distinto do atual sistema capitalista e as controvérsias geradas entre seus defensores e críticos.

O *Movimento Zeitgeist* visa produzir uma sociedade planejada através de uma economia de recursos e leis naturais tendo como guia a ciência; uma economia que possibilite melhor qualidade de vida e convivência no planeta de forma sustentável e igualitária, sem fronteiras, países, partidos ou governos. Para tanto, o movimento coloca como necessária a superação¹ do sistema capitalista através de uma mudança de valores, isto é, de uma mudança na concepção de vida da sociedade atual. Isto se dará a partir do conhecimento/educação e informação que cada indivíduo progressivamente for adquirindo e reivindicando.

Essa pesquisa pretende fazer a apresentação do *Movimento Zeitgeist* e analisar os limites do método científico, seu uso social e sua experiência como modo de vida/filosofia no sistema atual. Considera-se que o uso da ciência² pode ser uma ferramenta de superação do capitalismo através do acesso/compartilhamento do conhecimento produzido por ela.

Objetiva-se, também, desenvolver uma análise do desenvolvimento e consolidação do sistema capitalista, suas consequências sociais e sua profunda ligação com religiões que dão os recursos de sentido para sua legitimação simbólica.

1 Superação aqui se refere a afastamento, ultrapassagem, no qual o sistema capitalista perde o sentido e não invade todas as relações humanas através do modelo econômico.

2 Ciência enquanto forma de doutrina, conhecimento, consciência e habilidade, tornado o modo empírico do conhecimento e filosofia de vida, um modelo acessível, multiplicado e replicado.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender, através do *Movimento Zeitgeist*, propostas de uma economia de recursos para o planeta a partir de um método científico, pensando na possibilidade de superação do sistema capitalista e na noção de mudança de valores/ consciência de nossa sociedade.

A atuação/alastramento do *Movimento Zeitgeist* se dá principalmente pelo ciberativismo, com grupos em todas as redes sociais, manual ativista no site do movimento, em fóruns de discussão, em matérias jornalísticas sobre o desenvolvimento científico, mas também em palestras, ações solidárias e pelo Zday, manifestação anual que ocorre sempre em um país diferente.

A análise adotada para este trabalho busca lançar luz sobre três aspectos principais do *Movimento Zeitgeist*: a ciência como ferramenta comum à humanidade, sendo esta a forma de utilizar o conhecimento científico e tecnológico para superação do sistema capitalista, a economia de recursos como forma de otimização e qualidade do sistema econômico, superando/minando o sistema monetário atual e, o terceiro, a condição humana, a concepção de vida repleta de valores morais éticos e sociais com vistas à transformação radical do modo de vida.

O autor fundamental escolhido para compor a análise do movimento será John Stuart Mill, cujas formulações sobre o liberalismo e utilitarismo no século XIX lançam luzes sobre o caráter filosófico moral ético que o homem foi desenvolvendo, amalgamando e concebendo até os dias atuais. Aponta o autor para a necessidade de uma busca de mudança, de desconstrução dos valores morais arraigados por séculos, principalmente nos países colonizadores, e de uma busca individual de aperfeiçoamento e busca pela felicidade como fim. Nesse sentido, buscar-se-á compreender se as propostas formuladas pelo *Movimento Zeitgeist* podem se concretizar por intermédio de uma transformação coletiva ou se bastaria ações individuais que possam, de um modo ou de outro, incidir sobre os rumos da vida em comum.

1 – AS CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO *ZEITGEIST*

O termo "*Zeitgeist*"³ é definido como o “ambiente geral intelectual, moral e cultural de uma época” ou simplesmente o “espírito do tempo”. O termo “movimento” implica simplesmente “mudança” ou transição. O Movimento *Zeitgeist* (MZ)⁴ é uma organização que propõe mudança na concepção cultural, moral e intelectual dominantes na época.

O termo *Zeitgeist*, de origem alemã, possui o significado de espírito de uma época, sinais dos tempos, e passa a ser utilizado no final do século XVIII por Johann Gottfried Herder (1744-1803), um dos principais representantes do romantismo alemão, que escreve uma crítica ao trabalho *Genius Saeculi* (1760) do filólogo Christian Adolph Klotz, introduzindo a palavra *Zeitgeist* como uma tradução de *genius seculi* (Latim: *genius* - “espírito guardião” e *seculi* - “do século”). O termo passou a ser mais reconhecido com a formação do conceito introduzido na obra de Georg W. F. Hegel, *Filosofia da História* (1837), pensando o *Zeitgeist* como o espírito de uma época em que a razão seria o caminho do homem na História em direção à liberdade. É neste sentido que sua formulação dota de sentido o que a partir de então será o uso corrente do termo.

Apesar do uso anterior da ideia e do significado que o termo possui, o movimento afirma que não se apega a nenhum conceito e/ou filósofo/pensador para explicar e/ou definir o termo que dá nome e vida ao Movimento *Zeitgeist* e sim para utilizar de seu significado semântico, definindo-se então como um Movimento que luta por mudanças no clima intelectual, moral e cultural dominante da época. Se no momento inicial o conceito estava atrelado a uma busca de compreensão de uma época, de um momento singular da história e o desenrolar que uma ideia pudesse alcançar em um determinado período, o referencial agora se transforma em um imperativo de ação que visa a transformação da realidade e da consciência.

Assim, para compreendermos os processos envolvidos na caracterização do movimento e as concepções políticas, econômicas e morais do *Movimento*

3 *Zeitgeist* é uma palavra alemã que significa espírito de época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O *Zeitgeist* é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

4 MZ será utilizado como sigla para designar o *Movimento Zeitgeist*.

Zeitgeist, tomaremos como base fundamental o livro originalmente intitulado *The Zeitgeist Movement Defined Realizing a New Train of Thought* (2014), que fora traduzido para o português por colaboradores do próprio movimento brasileiro *O Movimento Zeigeist: Uma nova forma de pensar* (2014)⁵.

Centrado na figura de seu idealizador Peter Joseph e seus colaboradores, o movimento busca evidenciar esta nova crise do sistema capitalista, seus atores, suas pretensões e, principalmente, apresentar soluções para abandonar o atual sistema. Deste modo, o movimento tem como pressuposto básico as noções de crise, sistema capitalista, consciência e transformação radical da realidade.

É nesse sentido que Peter Joseph produziu e dirigiu três documentários com o mesmo nome do movimento, como forma de divulgar os ideais, e tendo como meta a implementação de uma nova linha de pensamento, humanista humanocrata. Esta linha é baseada em uma economia de recursos, fundamentada nos avanços tecnológicos e na Gestão de Recursos e nas Leis Naturais como o ponto de partida lógico para todas as decisões e processos, com o objetivo exclusivo do bem-estar social; decisões essas organizadas numa rede global, através de grupos nacionais e grupos regionais, com ações de sensibilização, equipes de projeto, eventos anuais, mídia e voluntariado.

Procuramos, neste trabalho, fazer uma descrição e exame dos documentários produzidos pelo *Zeitgeist*, movimento de suma importância para a visibilidade, intenções, expansão e disseminação dos ideais do movimento pelo mundo. A apresentação minuciosa dos documentários possibilitará extrairmos as principais teses que norteiam o movimento, destacando os elementos essenciais de nossa análise.

Por meio destes documentários ter-se-á a oportunidade de compreender o movimento e a inspiração que o motiva, além de analisar suas pretensões; buscase, também, apresentar e analisar a argumentação de alguns pensadores que são citados nos documentários com objetivo de validar ou legitimar as ideias e inspirações do próprio movimento.

5 Este livro foi disponibilizado na internet, isto é, *online*, e não contém numeração de páginas. Portanto, as citações referentes a esse livro serão feitas com o nome do autor, capítulo e o ano em que foi disponibilizado na internet.

Essas descrições são resumos, ou seja, uma seleção dos conteúdos dos documentários, que através de um longo jogo de imagens, citações e entrevistas, fixa o telespectador e o consterna com a quantidade de informações em sequência, tendo como objetivo principal trazer a visibilidade dos argumentos relacionados a ciência/tecnologia, a economia de recursos, a mudança de consciência/valores e, por consequência, as propostas para viabilizar tais mudanças.

Essa forma instigante e intrigante documental produz o efeito de aguçar a curiosidade e interesse do espectador para saber quais são os objetivos do Movimento *Zeitgeist* e os pressupostos científicos em que estão apoiados para sua justificação.

A descrição dos documentários nos parece um modo apropriado para apresentar suas principais ideias, além de um exercício para destacar os elementos que serão objeto de nossa análise, uma vez que nos documentários estão presentes uma enorme variedade (turbilhão) de informações, nos seus argumentos, sugestões, afirmações e ideias, constituindo assim fonte primária para este trabalho. Isto possibilita a interação das fontes de pesquisa do material de divulgação do movimento e o entendimento de seus objetivos e pretensões.

Por intermédio dos documentários observaremos como os personagens do movimento argumentam para a possibilidade de novo modelo econômico-social proposto; observar-se-á, também, se os pensadores selecionados e citados nos próprios documentários estão concatenados, embasando as argumentações do movimento.

Dessa forma, esse trabalho visa analisar o ciberativismo do movimento, direcionando o olhar para três relações centrais expostas nos materiais do movimento *Zeitgeist* na forma de apresentação e abordagem teórico-prática: a ciência e tecnologia, a economia de recursos e a mudança de consciência/valores. Visa, também, detectar os ideais do movimento que utiliza diversas referências em seus materiais, como Jiddu Krishnamurti, Thomas Paine, dentre outros pensadores.

Busca, também, problematizar um paradigma central da humanidade, a questão da liberdade, que perpassa todas as ideias e atinge as necessidades mais básicas independente do sistema econômico adotado pelos países.

1.1 - DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTÁRIOS

O método de análise utilizado será a decomposição dos três documentários do *Zeitgeist*, sendo estes uma das fontes primárias para a pesquisa. Os documentários do movimento *Zeitgeist* tem como caráter principal a denúncia.

Fazer a decomposição em duas etapas consiste em descrever os documentários em seguida compreender a relação entre os elementos decompostos

Analisar a estrutura do documentário é a análise do conteúdo que parte do princípio que o filme/documentário é um relato, desta forma esta análise foca em identificar o tema do documentário em seguida faz-se o resumo da história.

Nesta perspectiva a decomposição do documentário coloca-se em destaque os principais planos, ideias, informações e autores citados, cabendo por fim problematizar este volume de conteúdo para então retomar ao tema central do documentário observando se este segue fiel com o que foi proposto.

Título: *Zeitgeist: O Filme*

Título original: *Zeitgeist: The Movie*

Ano: 2007

País: Estados Unidos

Gênero: Documentário

Duração: 116 minutos

Direção/produção: Peter Joseph

Tema: Religião/Cristianismo, os ataques de 11 de setembro de 2001 e a fundação do Banco Central dos Estados Unidos da América (Federal Reserve).

O filme/documentário intitulado *Zeitgeist: The Movie* está estruturado em três seções, a primeira parte: "*The Greatest Story Ever Told*" ("A maior história já contada") traz uma crítica ferrenha às formas tradicionais de religião, à fé religiosa e, principalmente, à constituição das matrizes religiosas monoteístas, como as formas

mais abrangentes e resistentes a mudanças políticas e econômicas, e que remonta a 1500 a.c. São elas: o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

A forte crítica do documentário está ligada àquilo que o Movimento considera como propaganda feita por essas instituições religiosas, atualmente consolidadas, no sentido de criar falsos profetas para arrebanhar o maior número possível de fiéis, criando com isso obras com regras da forma de viver, introjetando valores éticos de salvação *a posteriori*. Baseados no medo, assim como na adaptação destas instituições religiosas ao sistema econômico vigente, criam propostas abusivas de arrecadação de dinheiro dos fiéis. A religião, assim, independente de suas crenças básicas, adaptam-se (e adaptaram-se) com extrema facilidade a modelos econômicos e políticos que lhe dêem suporte.

O documentário faz uma demonstração da formação desses profetas, comparando-os ao próprio desenvolvimento e criação dos calendários e astronomia, atribuindo-lhes o caráter de sobrenatural, de superioridade, de imensidão, de imortalidade e, principalmente, pela divisão no ocidente do bem versus o mal, tudo isso baseado nos astros como Sol⁶ a Lua e as estrelas de nosso sistema solar.

A partir da problematização das religiões, o Movimento se posiciona como encarregado de expor verdades inconvenientes, ou seja, verdades supremas e absolutas⁷ e tem em vista que, possivelmente, a busca destas verdades apoiam-se nos conhecimentos acadêmicos produzidos por autores polêmicos.

Esta introdução parece transformar-se em uma propaganda para o Movimento *Zeitgeist*, como forma de chamar a atenção e de criar polêmica entre os mais diversos públicos pelo mundo, assim como para conquistar seguidores militantes. Além da polêmica, entretanto, busca mobilizar forças para a compreensão do mundo e dinamizar ações que possam, uma vez alimentadas, direcionar-se para uma espécie de enfrentamento das condições econômicas, políticas e sociais.

6 De acordo com Roque: A festa cristã se entrecruza com a tradição popular de origem pagã. Antes do Natal cristão, existia a Festa do Fogo e a do Sol, pois essa época do ano é a do solstício de inverno, ou seja, o dia mais curto do ano no hemisfério norte. ROQUE. Maria Isabel. O Menino de Belém: Da Festa do Natal à Iconografia da Natividade e da Adoração, Gaudium Sciendi, Nº 5, EU. 2013.

7 Verdade absoluta - é também a afirmação do que é correto, do que é seguramente o certo e está dentro da realidade apresentada.

A segunda parte deste documentário "*All The World's A Stage*" ("O mundo inteiro é um palco") é dedicada a tecer uma séria crítica ao governo norte-americano, traçando uma exposição detalhada dos fatos ocorridos em 11 de setembro de 2001⁸, dia em que terroristas integrantes da organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda cometeram um atentado contra o símbolo do mercado financeiro americano, o World Trade Center em Nova Iorque, com suas famosas torres gêmeas, matando mais de 3 mil pessoas e atingindo o centro de inteligência do exército: o Pentágono em Washington, DC.

O documentário busca evidenciar as justificativas dadas pela comissão de investigação dos atentados apresentados pelo governo, as quais o Movimento analisa e refuta, demonstrando a fragilidade das possíveis provas de que tenha ocorrido realmente um atentado terrorista; em contrapartida, oferece uma versão em que o próprio governo norte-americano teria articulado a queda das torres. Essa versão bastante polêmica foi colocada em dúvida pelos principais meios de comunicação e chamada de teoria da conspiração.

Tal polêmica gerou alvoroço nas mídias, tanto pela própria divulgação e aparição do movimento *Zeitgeist* no documentário, que foi lançado sete anos após os atentados, quanto para a imagem do próprio Movimento *Zeitgeist*, que teve suas propostas sociais postas em dúvida.

Os apontamentos feitos pelo movimento *Zeitgeist* colocam vários questionamentos em relação aos atentados, como a lista dos supostos terroristas que estariam nos aviões no dia do atentado: alguns deles estariam vivos e não teriam conexão alguma com qualquer célula terrorista. A forma simétrica como caíram as torres e os relatos dos sobreviventes que estavam nos andares inferiores e ouviram diversas explosões vindas desses andares e do subsolo, colocaram em dúvida se com o impacto dos aviões na parte superior dos prédios, se eles realmente ruíram ou se teria sido uma implosão calculada e proposital.

8 MOREIRA. Deodoro J. 11 de setembro de 2001: Construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos. Dissertação de Mestrado, PUCSP. 2004.

Outro prédio, conhecido como *edifício 7*, no mesmo quarteirão no centro financeiro do WTC, também veio abaixo sem ter tido contato com as torres e ou aviões, e a justificativa da comissão de investigação foi que ele teria sofrido um abalo após a queda das torres, mesmo tendo todos os outros prédios ao redor permanecido intactos.

Um personagem especial desta trama foi Osama Bin Laden, apontado como o mentor dos ataques pelo governo norte-americano imediatamente após o ocorrido, através de sua organização transnacional, a Al Qaeda.

O governo norte-americano não apresentou publicamente nenhuma prova de seu envolvimento no ocorrido em 11 de setembro de 2001, apenas um vídeo que supostamente seria a confissão de Bin Laden, divulgado em 2004, e que foi visto pelo movimento e especialistas como uma prova forjada.

Em contrapartida, têm-se evidências de que Bin Laden fora treinado, financiado e armado pela CIA e pelo governo Saudita na guerra do Afeganistão nos anos oitenta contra os soviéticos, bem como evidências sobre os investimentos entre a família Bin Laden e a família Bush, dos dois ex-presidentes⁹ norte-americanos, com a empresa de investimentos *Carlyle Group*, que obteve grandes lucros na área de defesa com a chamada guerra ao terror.

Outro apontamento ocorre em relação ao Pentágono, diante do fato de não ter sido encontrado nenhum pedaço de metal, nenhuma parte do avião 757, ou seja, nenhuma evidência de que um avião tenha caído naquele local. Após o ocorrido, o local teria sido coberto com cascalho, impossibilitando qualquer evidência forense, assim como as câmeras de segurança, pois teriam os vídeos sido apreendidos pelo FBI e não foram divulgados pelo departamento de justiça desde então.

O caso de Shanksville, conhecido como voo 93, repete a falta de provas do caso do Pentágono, pois o suposto avião abatido não deixou absolutamente

⁹ George Herbert Walker Bush, presidente dos EUA entre 1989-1993 e seu filho George Walker Bush, presidente de 2001 a 2009.

nenhuma evidência, nem corpos, nem destroços, apenas um grande buraco no chão.

A comissão (911) Onze de Setembro (11/09/2001), criada pelo governo americano para investigar os atentados, apontou uma série de fatos como irrelevantes para a investigação; fatos como o financiamento dos ataques, ou seja, o rastro do dinheiro de financiamento dos ataques, a explicação da queda do prédio 7, dentre vários outros detalhes/provas cabais, que teriam sido absolutamente ignorados, apagados, desrespeitados e acobertados pelo governo e pela mídia.

O movimento *Zeitgeist* buscou, então, produzir uma investigação, um levantamento de provas, em paralelo com a comissão. Alguns nomes dos entrevistados são: Webster Tarpley (historiador), David Ray Griffin (filósofo), Dr. Steven Jones (físico), que concluem com veemência que os atentados de 11/09/2001 foram arquitetados, planejados e organizados pelo próprio governo norte-americano junto à CIA, com um objetivo de cumprimento de uma agenda governamental, usando o mecanismo do medo para subjugar a população e convencê-la de uma guerra ao terror, minando seus direitos básicos de liberdade e conquistando um novo patamar no cenário geopolítico mundial com suas políticas imperialistas.

Na terceira parte do documentário, “*Don't Mind The Men Behind The Curtain*” (“Não se importem com os homens atrás da cortina”), o movimento aborda a história do envolvimento dos Estados Unidos da América em guerras, desde a Revolução Americana, a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a Guerra do Vietnã e os conflitos pós 11/09/2001, até a Guerra no Afeganistão e no Iraque.

De acordo com o documentário, a criação da Reserva Federal ou Banco Central norte-americano, seus principais atores como a Família Rothschild, Andrew Carnegie (1835-1919), John D. Rockefeller (1839-1937), Jay Gould (1836-1892) e J. P. Morgan (1837-1913), retiraram o lastro de ouro vinculado ao valor do dinheiro e passaram a criar/imprimir dinheiro a partir de notas promissórias, revalidando o dinheiro por meio da sua circulação, tornando a dívida do banco central impagável e infinita.

O dinheiro torna-se, assim, uma divindade dotada de poder e o papel-moeda torna-se especulativo, gerando dívidas cumulativas até hoje, impagáveis com o dinheiro existente. O envolvimento com o patrocínio dos conflitos armados tem esses grupos e suas famílias como personagens por trás dos acontecimentos, grupos que se enriqueceram com as guerras armadas.

O poder do dinheiro e as transformações das instituições serão discutidos no próximo documentário.

Descrição do Documentário - parte II: *Zeitgeist Addendum*

Título: *Zeitgeist: Addendum*

Título original: *Zeitgeist: Addendum*

Ano: 2008

País: Estados Unidos

Gênero: Documentário

Duração: 123 minutos

Direção/produção: Peter Joseph

Tema: Globalização, manipulação das corporações e instituições financeiras, sistema capitalista e projeto Vênus.

Neste segundo documentário, o movimento expõe um discurso de Jiddu Krishnamurti sobre a crise de consciência. Além disso, discute as instituições que conduzem nosso modo de vida, a instituição do dinheiro e como ele é criado. Discute a criação do papel-moeda dólar em relação a uma nota promissória - cria-se uma dívida que, por sua vez, é criada através de um empréstimo; os empréstimos são baseados na reserva de um banco e as reservas derivam de depósitos. Através desse sistema de reserva fracionada, qualquer depósito pode criar nove vezes seu valor original. Como exemplo, cita o Sistema de Reserva Fracionada EUA – Governo, banco central e reserva federal.

Dessa forma, o movimento afirma que há uma desvalorização da oferta de dinheiro existente, aumentando o preço para a sociedade e por meio dos juros gera-

se uma escravidão moderna: empréstimos com juros são infinitos para os pagamentos dos bens básicos, alimentação e saúde. Nesse sentido, o documento aponta o funcionamento do Banco Mundial e (FMI) Fundo Monetário Internacional e cita John Adams: “Existem duas formas de escravizar uma pessoa, uma é pela força a outra é pela dívida (1735 -1826)”.

Aponta que em uma entrevista, John Perkins, ex-economista chefe da companhia *Chas T. Main Inc.* e autor do livro “*Confessions of an economic hit man*” explica como os empréstimos ocorrem para os países que têm recursos naturais como o petróleo e as dívidas que são criadas, com o domínio das companhias nacionais. Apresenta como exemplo a influência da CIA na mudança de governo no Irã nos anos cinquenta com a deposição de Mohammad Mossadeg pelo Xá do Irã e nas ações de chacais e militares contra o Iraque de Sadam Hussein.

Assinala a influência nas mudanças de governo na América Latina, perspectiva política e ideológica com a interferência agressiva e contundente da inteligência norte-americana chamados de “assassinos econômicos”; como exemplos citam: Na Guatemala em 1954 o presidente é deposto do poder; no Equador o presidente é assassinado em 1981; no Panamá o presidente também foi assassinado e na Venezuela, o presidente Hugo Chávez sofre uma tentativa de golpe.

Perkins explica que não são os presidentes os influentes imperadores norte-americanos que traçam as estratégias econômicas de dominação pelo mundo, mas sim uma *Corporatocracia* os verdadeiros imperadores, que de forma sutil e silenciosa traçam suas ações e estratégias, controlando a mídia e os políticos com o financiamento de campanha e os próprios cargos nestas corporações, com o objetivo único e exclusivo de maximização de lucros (cita exemplos de corporações como Walmart e Exxon).

A criação do FMI¹⁰, que na teoria teria a função de ajudar os países mais pobres e não o fazem efetivamente, produz como consequência a geração de

10 FMI (Fundo Monetário Internacional) é uma organização internacional criada em 1944 na Conferência de Bretton Woods (formalmente criada em 27 de dezembro de 1945 por 29 países-membros e homologado pela ONU em abril de 1964) com o objetivo inicial, de ajudar na reconstrução do sistema monetário internacional no período pós-Segunda Guerra Mundial. Os países contribuem com dinheiro para o fundo através de um sistema de quotas a partir das quais os membros com

dívidas impagáveis para diversos países. O Brasil seria um exemplo deste quadro: tem que captar empréstimos para saldar dívidas públicas, regular a balança comercial, valorizar a moeda e combater a “crise do petróleo” durante a ditadura militar (1964-1985).

Nesta parte do documentário, apresenta-se o Projeto Vênus¹¹ e seu idealizador Jack Fresco¹². O Projeto Vênus constitui a principal inspiração para o nascimento e fomento do movimento *Zeitgeist*: propõe um plano de ação para a mudança social, trabalha por uma civilização global pacífica e sustentável com a construção de cidades circulares planejadas, sem desigualdade com economia de recursos.

É neste contexto que Jack Fresco faz um comentário sobre corrupção intrínseca às sociedades como forma de autopreservação e coloca os sistemas políticos econômicos como comunismo, socialismo, fascismo e capitalismo no mesmo patamar de corrupção, pois todos eles têm o mesmo mecanismo fundamental: dependência do dinheiro, do trabalho e da competição. Expõe também sua visão sobre religião, política e as corporações que visam a autopreservação.

Para Fresco, no sistema capitalista, que visa o lucro, o enriquecimento material e o poder individual, não é possível ser ético, pois não existe confiança nas relações; não existe a possibilidade de se ter confiança e ética numa relação de mercado. Esse sistema de mercado livre, definido como Monetarismo está fundamentado na corrupção e engloba todos os países, indistintamente.

desequilíbrios de pagamento podem pedir fundos emprestados temporariamente. Através desta e outras atividades, tais como a vigilância das economias dos seus membros e a demanda por políticas de autocorreção, o FMI trabalha para melhorar as economias dos países.

11 Retirado de <https://www.thevenusproject.com/>.

12 Jack Fresco - (Brooklyn, 13 de março de 1916 - 18 de maio de 2017) foi um autodidata projetista industrial, engenheiro social, escritor, professor, futurologista, inventor que trabalhou em uma grande variedade de áreas desde inovações biomédicas a sistemas sociais totalmente integrados. Ele acreditava que suas ideias beneficiariam um maior número de pessoas e dizia que algumas de suas ideias vieram dos anos de sua formação durante a Grande Depressão. Retirado de: <https://www.thevenusproject.com/the-venus-project/jacque-fresco/>.

Fresco cita Adam Smith, que fala sobre a necessidade da competição para o progresso social, mas a critica afirmando que a competição necessariamente leva a uma corrupção estratégica, a uma consolidação da riqueza, do poder, da estratificação social, da paralisia tecnológica, do abuso da força de trabalho. Tudo isso sempre como uma forma disfarçada de governos ditatoriais conduzidos pelos interesses das elites ricas em que o ganho monetário vem em primeiro plano, visando sempre o lucro em detrimento do bem-estar das pessoas.

Jack Fresco comenta, ainda, sobre política: “Não é possível um sistema político-democrático baseado no dinheiro, pois aquele que tem mais dinheiro tira vantagens para obter cargos, por isso, as elites mais ricas sempre estão no comando dos governos”, e continua: “os políticos eleitos são manipulados e se tornam marionetes neste sistema, pois, mesmo sendo honestos não poderiam resolver os problemas da sociedade”. Segundo ele, a tecnologia pode melhorar nossas vidas, gerir nossas necessidades, facilitar nossas vidas, pois, quem faz isso são os técnicos, por exemplo, técnicos que levam a eletricidade até as casas, constroem automóveis, mas os políticos não são treinados para isso. Nessa direção, coloca o dinheiro, a religião e a política como instituições falsas que não podem realizar o que a tecnologia realiza em nossas vidas.

Para ele, temos todos os recursos para construir hospitais e escolas para todo mundo; porém, em um sistema monetário que visa o lucro baseado na escassez de recursos para a manutenção desse lucro isso não se aplica, pois é impossível ser sustentável e abundante em recursos neste sistema.

Roxanne Meadows ¹³– *Projeto Vênus*, entrevistada, diz que o projeto propõe eliminar as causas dos problemas, eliminar os processos que geram ambição, intolerância e preconceito, pessoas levando vantagem sobre as outras e o elitismo e, ainda, eliminar a necessidade de prisões e assistência social. Para Meadows não existe uma natureza humana inata e sim um comportamento humano moldado de acordo com a sociedade. Os sistemas adotados até então baseados no sistema monetário tem inerentemente a corrupção, a desigualdade e a ambição como base. Essas possibilitam a manutenção deste modelo político-social.

13 Roxanne Meadows - desde 1975 trabalha com Jack Fresco e é co-fundadora do Projeto Vênus. Retirado de: <https://www.thevenusproject.com/the-venus-project/roxanne-meadows/>.

Segundo Jack Fresco, é preciso retirar as condições de funcionamento desse sistema para se modificar uma sociedade, sendo que esta mudança não será feita por governos e sim pela sociedade.

Nesta parte do documentário, inicia-se uma apresentação do *Projeto Vênus* que questiona a possibilidade de uma sociedade na qual se eliminaria o dinheiro, devido à capacidade tecnológica atual para produzir tudo o que é necessário em abundância de tal forma que torna dispensável o dinheiro.

Ao falar de *Economia de Recursos*, Jack Fresco explica que por meio da tecnologia é possível superar os modelos de abastecimento energético no mundo todo, hoje propositalmente dependentes dos combustíveis fósseis, energia nuclear, por energia limpa e renovável abundante, como a eólica, solar, das ondas do mar, a energia denominada geotermal.

Hoje, definido como Monetarismo os transportes como automóveis e aviões precisam de combustíveis fósseis poluentes, trem de levitação *Maglev*¹⁴ como o japonês que atinge 480km/h com potencial de avançar sua velocidade ainda mais e tornar as viagens intercontinentais rápidas, seguras e com energia limpa. Nessa sociedade, a estrutura paralisante do lucro causa esse atraso, com o uso dos combustíveis fósseis, bloqueando assim o progresso.

No que se refere ao tema *Trabalho*, Jack Fresco cita como exemplo a estrutura de produção industrial norte-americana como fascista. Frisa ainda Jack Fresco que “as pessoas são levadas a acreditar que para sobreviver precisam de muito suor no trabalho, cujos trabalhos penosos e repetitivos roubam a vida das pessoas”. Para Roxanne, a respeitabilidade que é ensinada em relação ao trabalho é uma forma de escravidão com salário.

¹⁴ Maglev (em inglês: *Magnetic levitation transport*) é um veículo semelhante a um comboio que transita numa linha elevada sobre o chão e é propulsionado pelas forças atrativas e repulsivas do magnetismo através do uso de supercondutores. Devido à falta de contato entre o veículo e a linha, a única fricção que existe, é entre o aparelho e o ar. por consequência, os comboios de levitação magnética conseguem atingir velocidades enormes, com relativo baixo consumo de energia e pouco ruído.

Com a automação, lentamente, vem ocorrendo a substituição do homem por máquinas. Assim, um sistema do trabalho baseado no dinheiro seria falso, pois, os empregos humanos estariam em competição direta com o desenvolvimento tecnológico e, gradualmente, o homem poderá ser substituído por uma máquina, uma vez que a indústria visa à maximização do lucro. A indústria demite parte do quadro de funcionários e mantém outra parte em vez de reduzir a carga horária do trabalhador. Pela interpretação do Projeto Vênus, a mudança viria pela economia de recursos em que as máquinas libertam as pessoas.

No quadro atualmente existente, a violência gerada pelo sistema econômico faz com que a sociedade crie leis e um sistema carcerário, pois com a escassez e a degradação da sociedade, os crimes tendem a aumentar.

Uma forma de incentivo proposta pelo movimento seria ver as pessoas terem acesso às necessidades básicas sem servidão, dívida ou comércio. Isso tenderia a mudar o comportamento humano, mas para que isso ocorra é necessário que as pessoas tenham acesso às coisas sem etiqueta de preço. Mas o que as motivará? Elas criarão novos incentivos, pois sairão do condicionamento do sistema monetário que cria apenas um incentivo básico, mas perverso, que é o dinheiro como único modo para a obtenção de coisas.

Sobre a *Educação*, Roxenne diz que hoje é feita para o mercado de trabalho e se centra basicamente na memorização e não na resolução de problemas. Uma profunda modificação deste sistema parece ser, aos olhos de Roxenne, exigência fundamental.

Em oposição à mentalidade e prática econômica baseada no dinheiro e no lucro, Jack Fresco explica o conceito fundamental de uma transformação radical em relação ao sistema capitalista: a economia de recursos, “numa economia de recursos a diferença é dar a possibilidade de as pessoas explorarem seu potencial ao máximo” – filosofia de “quanto mais inteligente são as pessoas, mais rico é o mundo, pois todos se tornam contribuidores”. A economia de recursos assume, assim, um papel central nesta mentalidade.

Roxanne adiciona ainda que “quanto mais inteligentes as crianças forem melhor será a minha vida”, porque elas contribuirão construtivamente para o

ambiente, para a vida: “pois o que for inventado numa sociedade com economia de recursos não tem impedimentos e limitações para criações”.

Necessita-se, deste modo, de uma unificação do mundo trabalhando para o bem comum de todos os seres humanos, sem que ninguém mais seja subordinado a outra pessoa, sem a estratificação social, seja pelo elitismo tecnológico ou qualquer outro que deveria ser erradicado.

De acordo com a proposta do Projeto Vênus, o Estado não faz nada porque não existe um Estado: “o sistema de economia global de recursos não é perfeito, mas é melhor do que está posto no momento”.

Nesse momento, para iniciar a última parte deste documentário o movimento resume e sintetiza a compreensão do que até aqui foi desenvolvido com uma citação lapidar: “Minha pátria é o mundo, minha religião é fazer o bem” (Thomas Paine).

O espírito do *Zeitgeist* e a convocação para unir-se ao movimento

De acordo com a compreensão do Movimento *Zeitgeist*, os valores sociais da nossa sociedade que se manifestam em hostilidade, leis opressivas, estratificação social, destruição ambiental e uma classe dominadora ditatorial socialmente indiferente e orientada ao lucro são o resultado de uma ignorância coletiva de duas das mais básicas percepções que os humanos podem ter da realidade: os aspectos emergentes e simbióticos da lei natural.

A natureza emergente da realidade seria aquela em que todos os sistemas estão ligados ao conhecimento; a sociedade, a tecnologia, a filosofia ou qualquer outra criação estarão em contínua e perpétua mudança a não ser que sejam inibidos, o que ocorre com certa frequência. Estamos, defende o movimento, em um constante crescimento e progresso do conhecimento: esta é a percepção que orienta os seres humanos, porém isso é refreado, de tempos em tempos, pela sociedade e pelo Estado.

A percepção da emergência de todos os sistemas é o que deveríamos reconhecer. A disposição em estar aberto a novas informações, novas formas de pensar é, assim, essencial: as sociedades atuais falharam neste propósito e as instituições estabelecidas continuam a frear o crescimento através da preservação das estruturas sociais ultrapassadas e, simultaneamente, a sociedade sente medo das mudanças, pois tem uma identidade estática sustentada por um materialismo intelectual.

Os privilegiados na sociedade, aqueles que acumularam bens, terras, dinheiro e poder, assim como autoridades do Estado, tornam-se guardiões automeados do estado atual (*status quo*), vigiando uns aos outros, em benefício da identidade assumida, conforto, poder e lucro.

Neste momento o ideário do movimento é exposto através das frases abaixo, junto com a convocação para participar do movimento, apontando as atitudes e as ações que devem ser tomadas. Cada proposição é passada num plano sequência de frases e expressões no ecrã (tela) para fixar a atenção do telespectador.

Questão religiosa: religião é ideologia que divide os homens

A felicidade vem da alegria de estar conectado

Comunidade de seres de todo o planeta: humanos, plantas, animais, este seria nosso espírito que te faz bem e se sentir conectado

Questão do amor

Sociedade global sustentável, onde todos são realmente livres

Gestão inteligente dos recursos da terra

Devemos parar de apoiar o sistema, pacificamente, e perder totalmente a confiança nos líderes votados

Uma das formas de se fazer isso é:

Dicas/Sugestões – divulgar as fraudes dos bancos (boicotes) *CityBank, J.P Morgan, Bank of America*

Orientar os americanos a mover o dinheiro de suas contas e cartões para outros bancos.

Financiamento = refinar em outro banco

Se trabalhar no banco, peça demissão

Acabar com o cartel dos bancos privados = reserva federal

Assim despertarão a consciência acerca da fraude do sistema bancário

Ainda: desligar os noticiários de TV, pois existe um monopólio de informações e buscar canais alternativos de informação. A internet tem que ser protegida, pois é um canal salvador e ilimitado, incontrolável de informações

Não entrar em nenhum tipo de serviço militar

Companhias de Energia = desconectar a casa da rede elétrica. Torne a casa autossustentável com energia limpa eólica solar, que é acessível à população (norte-americana); use um carro híbrido elétrico ou qualquer um sem os combustíveis convencionais

Rejeite o sistema político

A ilusão da democracia é um insulto a nossa inteligência, pois em um sistema monetário não é possível uma democracia

Nos EUA dois partidos políticos guiados por um mesmo grupo de lobistas corporativos. Os políticos ocupam os postos patrocinados pelas corporações e levados ao cargo pela projeção artificial da mídia.

Termina com um chamamento: *Junte-se ao movimento!*

Documentário parte III - *Zeitgeist: Moving forward*

Título: Zeitgeist: O Futuro é agora

Título original: Zeitgeist: Moving Forward

Ano: 2011

País: Estados Unidos

Gênero: Documentário

Duração: 181 minutos

Direção/produção: Peter Joseph

Tema: comportamento humano, economia monetária e ciências aplicadas

O terceiro documentário inicia com o questionamento básico sobre o consumismo e o sucesso: quanto cada ser humano precisa consumir? Aponta que no atual sistema nunca será o suficiente, pois o consumo está atrelado à ideia de que tem-se que acumular posses. E indaga: e depois dessas “conquistas”?

O documentário inicia com uma breve apresentação da história de Jack Fresco, em Nova Iorque. Fresco que saiu da escola cedo e se tornou autodidata, questiona o domínio político pelo sistema monetário imposto e a forma como os Estados Unidos se tornaram uma potência mundial rica, às custas de outros países.

Apresenta em seguida, uma citação de Margaret Mead: “Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo. De fato, sempre foi assim que o mundo mudou”.

Cabe salientar que o documentário traz além das citações os temas que serão discutidos em sequência no ecrã (tela), para localizar o telespectador quanto aos entrevistados e temas correspondentes as suas respostas. Portanto em cada entrevista e tema terão a escrita em itálico para localizar o leitor.

São realizadas, em seguida, entrevistas:

- com o Dr. Robert Sapolsky, Professor de Ciências Neurológicas da Universidade de Stanford. Sapolsky, que responde indagações sobre:

A Natureza humana: inata ou adquirida?

Para ele, essa dicotomia é rasteira e insuficiente para explicar a complexidade genética dos humanos e sua interação científica social e cultural.

- com o Dr. Gabor Maté – Médico autor de: *Portland Society* que explica sobre :

Doenças e a relação genética – As doenças não são pré-determinadas no DNA .

- com Dr. Richard Wilkinson – Professor Emérito de Epidemiologia Social da Universidade de Nottingham que discute sobre:

Comportamento

- com o Dr. James Gilligan Former - Diretor do Centro de Estudos de Violência Harvard School sobre os temas:

Violência = não se dá por pré-disposição genética e sim por fatores sociais econômicos e políticos.

Vícios = prazer momentâneo em qualquer coisa que não se consegue parar, interromper, por exemplo: drogas, trabalho, internet, jogos e poder.

É um Mito = Drogas, por exemplo: o indivíduo é suscetível e o ambiente combinado à substância o torna um viciado. Não é somente a droga enquanto substância que vicia.

Ambiente = Experiência de vida de cada indivíduo se inicia no útero. O pré-natal já influencia o desenvolvimento humano.

Infância e memória = desenvolvimento do cérebro até os dois anos de idade, formação da memória explícita com fatos e implícita de sentimentos.

Toque humano = ajuda no desenvolvimento do cérebro da criança prematura.

Natureza biopsicossocial = as relações sociais com os pais, familiares e amigos é que influenciam o desenvolvimento da criança do humano.

“A sociedade molda o homem”.

A *natureza humana* não nos torna individualistas e sim nos faz buscar as necessidades básicas para sobrevivência.

Questão levantada: a condição que criamos no mundo moderno está a favor da nossa saúde? A base do sistema socioeconômico funciona como uma força positiva para o desenvolvimento e progresso humano e social ou está indo contra os requisitos humanos centrais para o bem-estar humano e social?

Patologia social – colapso acumulativo

Entrevista com Dr. John McMurtry – Universidade de Guelph

De onde vem tudo isso? McMurtry aponta para John Locke com os conceitos de propriedade, direito à privacidade e à propriedade: Apresentação dos pré-requisitos em *Tratado do Governo*. McMurtry expõe o argumento de Locke: “deve haver o suficiente para cada ser humano e não deve deixar a propriedade sofrer danos e integrar seu trabalho a ela”.

Após a defesa plausível da propriedade privada, segundo McMurtry, Locke abandona os conceitos com uma frase: “Uma coisinha” que “bloqueia isso é a invenção do dinheiro, e o acordo tácito entre os homens para colocar um valor nele”.

McMurtry explica que ele não abandona os pré-requisitos, mas é o que acontece devido à relação com o dinheiro, que compra a mão de obra, que não se importa com o desperdício ou com os danos da propriedade.

Dessa forma, McMurtry cita Adam Smith (*A Riqueza das Nações*), em que a propriedade privada se torna pressuposto, ou seja, dado como certo, assim como investidores que compram a mão de obra sem limites e promovem a desigualdade.

Para McMurtry, Adam Smith discute a ideia de como equilibrar a oferta e a procura, através da *mão invisível do mercado*, o sistema em si, além de ter todos os direitos naturais à propriedade, é ele, o próprio sistema, deus.

Neste momento McMurtry cita um trecho do livro *A Riqueza das Nações*, para o documentário: “Mas na sociedade civilizada, é apenas entre as classes de pessoas inferiores que a escassez de subsistência pode definir limites para a posterior multiplicação da espécie humana; e não pode ocorrer de nenhuma outra maneira exceto pela destruição de grande parte das crianças (...)”.

O documentário fala sobre a sequência monetária do valor separado do propósito da sequência vital do valor, tendo a ideia de que a primeira sequência monetária com o PIB promoveria, conseqüentemente, a sequência vital do valor, que na realidade se distancia da qualidade de vida das pessoas. O funcionamento seria doentio, uma vez que utiliza um paradigma econômico que exige o consumo cíclico.

Assim, a *Obsolescência intrínseca e programada* é o sistema de mercado regido pelo sistema monetário. Esse modo de consumir as coisas¹⁵, gera então grande desgaste do planeta. O que a longo prazo é uma atitude eco genocida mostrando um distúrbio no sistema de valores.

Neste momento do documentário, o movimento faz apontamentos sistematizados e resumidos:

Reserva fracionada = juros acumulados, com consumidores criando mais dinheiro mais dívidas no ciclo.

Sistema econômico desigual = desigualdade gera as maiores taxas de violência.

15 Esse modo de obsolescência programada faz com que os seres humanos tenham, obrigatoriamente, que consumir sempre novos produtos pois os anteriores tornam-se obsoletos, isto é, quebram e não tem conserto, precisam ser substituídos por produtos novos.

Projeto terra = objetivos do movimento para uma possível mudança.

A meta seria, sobreviver de forma otimizada saudável e próspera, viver sem sofrimento, eliminar tudo que pode ferir a longo prazo, com sustentabilidade máxima. E o método postula uma abordagem que projeta a sociedade através da ciência.

O que precisamos, defende o movimento, para sobreviver seria: recursos como água e energia; localizar, identificar e monitorar os recursos do planeta, utilizando a teoria de sistemas; montar um sistema global de gerenciamento de recursos. Precisariamos, ainda, de um modelo de produção que seja otimizado e sustentável e faça a preservação, a segurança e a eficiência estratégica, com contabilização e gerenciamento por computadores.

Distribuição: seria realizada com estratégia de proximidade, produção de bens e serviços o mais próximo possível.

Demanda o essencial: comida, casa, água limpa, através do acesso estratégico com centro de distribuição local – utiliza-se o bem e depois o devolve como uma biblioteca; economia baseada em recursos e método científico aplicado a questões sociais. Entendimentos comprovados de suporte à vida que não dependem de uma crença específica ou tipo de política e sim de suas leis naturais com a economia de recursos.

Economia de Recursos: é o conjunto de entendimentos comprovados de suporte à vida e todas as decisões são baseadas em sustentabilidade ambiental e humana.

Base de vida: água, ar e comida de qualidade

Abordagem sistêmica compreensiva: segundo o movimento, seria necessário fazer um inventário da área para o suporte de uma cidade, da quantidade de

peças que ali residem e das necessidades de recursos em relação a população.

Economia baseada em recursos (resumo): variáveis da economia produção = preservação, segurança e eficiência distribuição = proximidade e acesso estratégico.

Assim, a proposta possível seria planejar uma cidade ideal, com uma planta/design circular otimizando espaço residencial, produção de bens, energia, zona agrária local de cultura, natureza, recreação, educação, transportes coletivos com automação, agricultura vertical hidropônica, energia solar, eólica, geotérmica e produção dos produtos automatizados e mecanizados.

Retira-se o sistema monetário e reduz a violência gerada por ele.

Distúrbio de valores: liberdade de livre mercado, pois a liberdade e democracia não existem no sistema de mercado.

Uma afirmação aparece, neste contexto, como emblemática: “Progresso social não é resultado do sistema capitalista e sim da ciência e tecnologia e do uso de hidrocarbonetos”. Mas, segundo o movimento, o sistema se aproveitou de tais adventos para se desenvolver usando uma violência estrutural, causando desigualdade e miséria.

Apontam que ocorrerá a finitude do principal recurso natural, o petróleo, nas próximas décadas, no qual o atual sistema econômico se baseia de forma irresponsável.

Assinalam que a poluição da água e solo que já atinge bilhões de pessoas: tende a uma série de colapsos ao longo dos próximos anos já que a estimativa populacional para 2030 é de 8 bilhões de habitantes na terra¹⁶.

16 De acordo com os dados retirados da ONU: <https://www.unric.org/pt/actualidade/31919-onu-projeta-que-populacao-mundial-chegue-aos-85-mil-milhoes-em-2030>.

O documentário termina incentivando uma revolução imediata: criar uma cena de protestos pelo mundo todo no qual a população vai às ruas e joga fora todo o dinheiro na frente dos bancos centrais.

Apresentou-se, aqui, um resumo dos princípios do *Movimento Zeitgeist (MZ)*, inspirado pelo *Projeto Vênus*. Os documentários mostram diversos profissionais discutindo formas diferentes do Homem se relacionar com a natureza, tecnologia, recursos e liberdade.

Com essa apresentação, sintética, buscou mostrar os princípios norteadores do MZ, bem como suas bases teóricas e suas propostas, a fim de discutir seu projeto de mudanças sociais, estruturais, de política economia, direitos, liberdade e consciência.

A partir destas descrições, outros elementos do movimento poderão ser elucidados ao longo do trabalho, como o livro do movimento, o manual ativista. Serão ainda buscadas respostas sobre quais seriam as finalidades desse movimento. É neste sentido que se procura, neste momento, a análise feita a respeito do conceito de ciência e tecnologia trazida à tona pelo movimento.

1.2 - A configuração do Movimento *Zeitgeist* enquanto movimento social

O *Movimento Zeitgeist* constitui-se em um grupo em defesa da sustentabilidade global, presente em 70 países, e atua difundindo informações sobre as raízes de nossos problemas sociais atuais, principalmente, com o ciberativismo, e utiliza as redes sociais para a rápida disseminação, divulgação e discussão das informações sobre tais problemas.

Essas informações são, por exemplo, de inovações científicas e colaboração mútua por uma sociedade mais igualitária, com o intuito de expressar soluções baseadas em métodos científicos para atualizar e corrigir o atual sistema social. O objetivo seria a criação de uma sociedade global verdadeiramente pacífica, responsável e sustentável.

Este movimento, que propõe mudanças no modo do ser humano se relacionar com o mundo e consigo mesmo, diz que sua principal ferramenta para realizar essas mudanças é o conhecimento, que é e deve ser baseado em uma concepção de ciência.

O movimento atua através de uma rede com equipes de Projeto, eventos públicos, comunicações pela imprensa e operações de caridade. O ativismo do MZ é explicitamente baseado na adoção de métodos não-violentos de comunicação, tendo como foco principal educar o público sobre as verdadeiras fontes de muitos problemas pessoais, sociais e ecológicos comuns, aliado ao vasto potencial de resolução de problemas e melhoria da humanidade que a ciência e a tecnologia têm alcançado - mas que ainda não é aplicado, devido a barreiras inerentes ao sistema social atual (JOSEPH, 2014).

De acordo com os preceitos do Movimento (2014), o público do *Zeitgeist*, isto é, o público ao qual as pessoas do movimento se dirigem, seja na forma de eventos ou publicações em sites e livros, é qualquer cidadão comum, a ser conscientizado para:

Facilitar um sistema social estruturado cientificamente, que, na verdade, otimizaria o nosso potencial e bem-estar (...). Qualquer subtração criaria um desequilíbrio e uma instabilidade social, já que negligenciar tais questões seria simplesmente uma forma oculta de opressão (JOSEPH, 2014).

Os membros do Movimento são ideologicamente contrários ao modelo social economicamente vigente, por perpetuar enormes níveis de ineficiência econômica e beneficiar um grupo econômico ou “classe” de pessoas em detrimento de outro, gerando desigualdades sociais e tecnológicas. Isso faz parte do que eles chamam de “violência estrutural”, que diz respeito à privação e à pobreza crescente de mais de três bilhões de pessoas no mundo. Esse cenário é visto pelo sistema socioeconômico vigente predominantemente no mundo ocidental, capitalista, como um estado social “natural” e inalterável. O movimento não compartilha desta inalterabilidade do sistema.

Para alterar esse quadro de desigualdade social de recursos, o MZ propõe fazer um diagnóstico que deve buscar a raiz de um problema, em relação aos princípios de causa e efeito, e sustentar uma linha de pensamento que possibilite a produção de um sistema social estruturado cientificamente em que haja conscientização e informação sobre tais problemas de escala mundial:

O ponto de partida é dado pela integração da própria natureza do raciocínio científico, onde o estabelecimento de uma linha de pensamento empírico tem precedência sobre todo o resto. Uma linha de pensamento pela qual a organização social como um todo pode encontrar um contexto mais preciso de sustentabilidade, em uma escala nunca antes vista, através de um reconhecimento (e aplicação) do Método Científico. (JOSEPH, 2014).

A *Economia Baseada em Recursos* deve ser definida como “um sistema socioeconômico adaptável derivado ativamente das referências físicas diretas relacionadas às leis científicas que regem a natureza” (JOSEPH, 2014). As aplicações tecnológicas específicas somente provocarão uma transição quando a evolução dos conhecimentos científicos e suas aplicações tecnológicas emergentes forem levadas em consideração. O modo de fazer essa transição deve se dar por meio de uma revolução de valores.

Isso implicaria, de acordo com MZ (2014), o confronto das nossas tradições culturais com a crescente base de dados de conhecimento emergente negando as raízes do pensamento religioso que podem ser atribuídas a períodos em que os seres humanos conseguiam justificar a validade e precisão de tais crenças, dada a limitada compreensão que tinham do seu ambiente cultural.

Com relação aos saberes de tradições de ordem religiosa e outras formas de conhecimento que não se valem do raciocínio lógico e científico, o movimento os considera como superstições, entendendo que devem ser substituídas por uma ordem de pensamento que os preceitos da ciência ocidental consideram empírico, dedutivo e lógico.

As ações do MZ estão focadas em diagnosticar, educar e criar tanto um ambiente de transformação de consciência, quanto mecanismos de alteração da ordem econômica, política e moral, o que significa, em última instância, uma profunda transformação da cultura. Diagnosticar seria a busca da causa raiz do

problema, em vez de localizar parte do problema superficial em pessoas e ou instituições, de modo a obter um diagnóstico completo do problema para a sua resolução:

O problema central hoje é que muitas vezes há o que poderia ser chamado de um “quadro de referência truncado”, onde a falta de visão e o erro diagnóstico de uma determinada consequência persistem. Por exemplo, a solução tradicional atual para a reforma do comportamento humano pela prática de muitos dos chamados “crimes” é frequentemente o encarceramento punitivo. No entanto, em princípio, isso não diz nada sobre a motivação mais profunda do “criminoso” e porque sua psicologia o levou a tais atos. Nesse nível, a resolução torna-se mais complexa, pois o crime é consequência de uma somatória de fatores físicos e culturais que se intensificam ao longo do tempo (JOSEPH, 2014).

No quesito *educação*, o Movimento desenvolve uma linha de pensamento a mais abrangente possível, aberta e ilimitada, dando vazão para as infinitas possibilidades de apreensão do conhecimento nos diversos ritmos de cada indivíduo, não tendo um sentido pré-definido, não tendo limites, entendendo desta forma que o conhecimento não é imutável e as ideias não são estáticas. Neste sentido, não se caracteriza o movimento como utópico, pois não prevê um estado final de compreensão.

Como um movimento educacional que opera sob a suposição de que o conhecimento é a ferramenta/arma mais poderosa que temos para criar uma mudança social duradoura e relevante na comunidade global, não há nada mais importante do que a qualidade da formação pessoal de cada um, e a sua capacidade de comunicar tais ideias de forma eficaz e construtiva para as outras pessoas (JOSEPH, 2014).

A educação e os modelos de ensino ocidentais praticados atualmente orientam uma forma de pensar dividida e compartimentada, proveniente do século XIX, que gera uma falsa ilusão de conhecimento especializado e desenvolvido. Tal modelo é excludente em sua forma, já que não leva em conta as outras formas de pensar/raciocinar e suas contribuições; em relação à aprendizagem.

Tais modelos incentivam a resolução de problemas de modo parcial, sem uma visão geral/global do cerne do problema, além de estar concatenado com o modelo industrial capitalista, que atribui valor monetário ao conhecimento adquirido e encapsula o cidadão em determinado posto de trabalho.

No quesito *criação*, o MZ busca detalhar as possibilidades de um novo sistema social com base na eficiência econômica ótima; segundo o movimento:

Exemplos desse trabalho são programas como o Global Institute Redesign, um grupo digital de estudo e resolução de problemas (um "think tank"), que tenta demonstrar como o cerne da infraestrutura social poderia se desdobrar, baseado em nosso estado tecnológico atual, combinando essa capacidade técnica com a linha de pensamento científico, a fim de calcular a infraestrutura técnica o mais eficiente possível para qualquer região do mundo (JOSEPH, 2014).

1.3 – AS FINALIDADES DO *MOVIMENTO ZEITGEIST*

O Movimento *Zeitgeist* (2014) busca fazer uso do método científico para embasar suas afirmações e defendem uma economia baseada em recursos (EBRLN). Defende uma abordagem de “governança” que tem pouca semelhança com a forma de governança atual¹⁷ ou com as anteriores e uma economia que reúne os recursos locais. Não utiliza a moeda para a distribuição de tais recursos por considerá-la representação de coisa e de valor que se agregam e se diluem em uma fusão com produto/mercadoria, gerando dívida, corrupção e desigualdades sociais, em processo pela manutenção da escassez ao longo dos séculos.

A ideia de governança posta pelo MZ busca a eliminação do Estado e do mercado, visto que os dois existem de forma complementar; o primeiro é entendido como marco regulatório do segundo, porém ambos estariam sujeitos à lógica do poder-dinheiro, à corrupção, e a interesses individuais. Neste sentido, público e privado se confundem e confluem de forma desordenada, justamente para manter através de uma burocracia e instâncias de governo, uma “ordem” factível que atende a interesses de uma pequena parcela da sociedade, em um processo legitimado

17 Sistemas de governo como presidencialismo e parlamentarismo, que dependem de coalizões partidárias, investimentos e financiamentos com interesses pessoais e empresariais que influenciam no fazer político coletivo, isto é, nas decisões políticas como criação de leis para privilegiados, elites econômicas e conglomerados empresariais.

pelo dinheiro e seu poder, regulamentando a escassez¹⁸, para forçar e gerar a necessidade do consumo na vida da maioria da população.

De acordo com o MZ, o novo modelo político-econômico proposto EBRLN (*economia baseada em recursos e Leis Naturais*) dispensaria a intervenção de representantes políticos e repartições políticas ou governo e instituições público/privado, para configurar uma democracia plena, participativa e direta que dê liberdade, autonomia e torne os homens e mulheres cidadãos com legitimidade e participação efetiva nas decisões e funcionalidades na sociedade.

Uma democracia que atenda aos interesses individuais e coletivos de forma sustentável de acordo com uma prioridade inicialmente coletivas e básicas como: alimentação, assistência médica, saneamento, água, energia elétrica e educação. Isto seria realizado através de um *Open Source*¹⁹.

Para cumprir seus ideais, o *Zeitgeist* pensa que é necessário haver várias fases para mudanças sociais e mudanças na concepção de vida e relação entre os seres humanos. A primeira fase é a de conscientizar as pessoas a respeito de sua condição, isto é, mostrar do que os cidadãos comuns são privados em seu cotidiano. E compreendem que as pessoas são privadas de conhecimento e benefícios que a ciência e tecnologia poderiam trazer aos seres humanos.

Neste sentido, a ciência deveria ser considerada uma ferramenta à disposição dos cidadãos comuns e que auxiliaria na resolução de problemas cotidianos, diferentemente dos produtos tecnológicos que têm um largo alcance para população, como os celulares, entre outros. Essas produções são guiadas pelo mercado financeiro, ou seja, têm inscritas em si a obsolescência programada.

O objetivo em mente é possuir uma ciência que proporcione um bem-estar para toda a população como água potável, tipos de energia renováveis, medicina preventiva, engenharia mecânica e robótica em substituição da mão de obra

18 Escassez refere-se ao termo econômico que dá suporte a forma capitalista que é colocar preço de acordo com a oferta e a demanda, sendo um exemplo importante a comida/alimento/água que, mesmo sendo abundante em algumas partes do mundo, não está disponível para toda população mundial.

19 *Open Source*: Sistema de programação via internet de informações integrado com o público, ou seja, de livre acesso.

humana em situações que envolvam trabalho com risco iminente e em condições insalubres.

No sistema capitalista vigente, os cidadãos comuns recebem essas informações e conhecimentos de forma desigual, ou seja, os cidadãos comuns não têm acesso a essas informações para que saibam que têm o direito de acesso e manipulação do conhecimento científico e tecnológico. Isso passa pela instauração de uma nova visão de educação e de informação que não se limite a formar jovens e adultos para o “Mercado de trabalho”, ou seja, formá-los para a indústria, como operários padrão para a manutenção do emprego/consumo/comércio.

O movimento *Zeitgeist* se define a partir do acúmulo de novas descobertas e informações para a evolução do entendimento humano sobre si e sobre seu habitat. O movimento se autodenomina no sentido filosófico o próprio *zeitgeist* cultural com novas possibilidades e aplicações, sendo este otimizado por novos conceitos de acordo com as mudanças científicas da realidade.

Para o MZ a verdadeira e profunda revolução seria a revolução de valores, sendo estes os valores humanos que ainda estão presos e alimentados nos modelos de séculos atrás que ainda hoje persistem e deterioram as possibilidades de organização social para se criar um potencial de vivência realmente progressiva e não excludente, focada somente em uma minoria. A meta principal do movimento seria promover/evidenciar a revolução de valores pela mudança de pensamento sobre nós mesmos e sobre o mundo que habitamos e no qual convivemos, assim como promover a unificação da família humana através das leis naturais que governam o planeta.

Para tanto, a efetivação dos objetivos do Movimento enquanto revolução, ou seja, mudança radical, somente se aplicaria através de uma transformação na forma de distribuição e compartilhamento de informações/conhecimento. Assim sendo, um dos principais focos do MZ é desenvolver um método científico para elevar as vidas humanas a um patamar nunca antes alcançado pelo mundo e pelo conjunto da população, a fim de superar a escassez de recursos; isto se daria por meio da transformação do conhecimento que pode ser carregado/levado pelo conhecimento científico e viabilizado pelas possibilidades abertas pela criação e desenvolvimento

de ambientes nos quais possam florescer a liberdade²⁰ plena do indivíduo, do conjunto da sociedade e da comunidade global.

Esta liberdade se dará pelo acesso/liberação a todas as formas de conhecimento/informação, eliminando as formas de hierarquia do conhecimento e da própria circulação de informações que temos hoje, dando a possibilidade de autonomia para a transformação cidadã pela revolução dos valores que temos enquanto espécie e sofisticará nosso posicionamento e atitudes políticas, morais e econômicas.

1.4 – ZEITGEIST: CIÊNCIA E MÉTODO

Os diversos desenvolvimentos científicos produzidos na matemática, na física, na biologia e em outras disciplinas científicas demonstram que nós, como espécie, estamos absorvendo aos poucos os processos da natureza, ou seja, entendendo melhor seu funcionamento. O aumento da nossa capacidade inventiva em simular, acentuar ou reprimir tais processos naturais, mostra o nosso progresso na compreensão da natureza. Esta é a compreensão que o movimento possui, na medida em que afirma: “O mundo ao nosso redor hoje, abundante em material tecnológico e invenções que alteram a vida, é um testemunho da integridade do Processo Científico e do que este é capaz” (JOSEPH, 2014).

A visão científica do mundo compreendida pelo movimento é motivada pelo planejamento, pelo raciocínio lógico para o funcionamento da sociedade e resolução de problemas diários que ocorrem ou se desenvolvem.

Uma coisa é isolar técnicas de avaliação científica para interesses específicos, como a lógica que usamos para avaliar e testar a integridade estrutural de um projeto de construção de uma casa, e outra, é quando a integridade universal desse tipo de raciocínio está enraizada permitindo que relações de causa e efeito e métodos de validação sejam aplicados a todos os aspectos de nossas vidas (JOSEPH, Cap. 2, 2014).

20 Sobre a liberdade e liberdade individual ver (MILL, 2000, p. 17). Uma análise mais pormenorizada pode ser encontrada no terceiro capítulo deste trabalho.

Segundo MZ (2014), a abordagem (científica) proporcionou à humanidade um poder de compreensão e aproveitamento da realidade cujos benefícios preditivos e pragmáticos que nenhuma outra “ideologia” conseguiu combinar ou alcançar.

A ciência estaria focalizada no amanhã e não possuiria nada de sagrado, estando preparada para corrigir falsas conclusões já estabelecidas quando uma nova informação surge. Compreenderia, também, uma incerteza que lhe é tão inerente que incorpora a vulnerabilidade, jamais a certeza.

Desta forma, o método científico incorpora o ceticismo e a vulnerabilidade. A ciência estaria interessada na maior aproximação da verdade²¹ que se pode encontrar, e se há algo que a ciência reconhece explicitamente é que praticamente tudo o que sabemos será revisto posteriormente assim que uma nova informação surgir. Isto traz para o MZ (2014) um caráter emergencial de ação em busca da verdade²²

Outra característica da visão científica do MZ (2014) diz respeito à utilização do termo “Simbiótico”, conceito utilizado no contexto de relações interdependentes entre espécies biológicas, porém entendido aqui de forma mais abrangente, referente à relação de interdependência de tudo, no qual o movimento utiliza o conceito de sistema²³ para abarcar essa explicação da ligação entre as espécies, o homem, animais, plantas e o planeta.

21 De acordo com Popper, verdade, pode ser testada, ou seja, passada pelo método hipotético dedutivo, podendo ser falseada, permitindo assim comprovar a resistência das teorias científicas e colaborando para seu desenvolvimento. POPPER, Karl. Conhecimento Objetivo: Uma abordagem evolucionária. Tradução: Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

22 De acordo com Joseph “O que poderia parecer absurdo, impossível ou mesmo “supersticioso” em um primeiro momento, pode se provar ser um útil e viável entendimento para o futuro, uma vez validada a sua integridade. Isso implica em uma Emergência de Pensamento - uma Emergência da “Verdade”. Uma análise rápida da História demonstra constante mudança de comportamentos e práticas baseada em conhecimento constantemente atualizado, e este humilde reconhecimento é essencial para o progresso humano”. BERKOWITZ, Matt; JOSEPH; Peter, MCLEISH, Ben. O Movimento Zeitgeist: uma nova forma de pensar. Grupo de colaboradores MZ, Cap 2.2014, n/p.

23 De acordo com Joseph o termo “Árvore” é realmente uma referência a um *Sistema* conhecido. A “Raiz”, “Tronco”, “Ramos”, “Folhas” e outros atributos dessa Árvore poderiam ser chamados de “Subsistemas”. Contudo, a “Árvore” em si também é um subsistema, pode-se dizer, talvez, da “Floresta”, que, por sua vez, é um subsistema de outro mais abrangente, encerrando fenômenos maiores, como os de um “Ecossistema”. Tal distinção pode parecer trivial para muitos, mas o fato é que a grande falha da cultura humana tem sido a de não respeitar plenamente o âmbito do “Sistema Terra” e como cada subsistema desempenha um papel relevante (JOSEPH, Cap. 2, 2014).

O MZ pensa a ligação entre as Leis Naturais e o homem no qual se aplicaria uma lógica da interdependência das espécies, sendo a ciência o maestro dessas relações. Com isso, pretende-se afirmar que o movimento *Zeitgeist* propõe uma linha de pensamento que tem como base o pensamento científico clássico.

A economia baseada em recursos e leis naturais (ERBLN) coloca a ciência como método de vida, como forma aplicada do viver e da promoção e desenvolvimento do pensamento na natureza, de forma sustentável, junto com a natureza.

Para o MZ é justamente o método científico, a ciência empírica, que pode ser testada e re-testada para validar o conhecimento em sua integridade e esse conhecimento depende de uma constante mudança e atualização para o progresso humano.

Através dessas concepções de ciência e de método científico do movimento *Zeitgeist*, tornar-se-ia possível pensar em uma saudável relação de conhecimento entre os cientistas, uma tentativa honesta de produzir ciência, de usá-la e de testá-la, assim como conceber um trabalho coletivo de cooperação sem fronteiras, compartilhamento de todos os dados, informações, sobre os possíveis avanços e resultados de descobertas feitas.

Neste sentido, o MZ busca um desenvolvimento da ciência de ponta sem a associação com o dinheiro patrocínio e pelo próprio desenvolvimento humano/social, ou seja, uma ligação entre as ciências tradicionais e a ciências sociais. Para esta mudança, como aponta (SANTOS, 1989), tratar-se-ia de um exercício de hermenêutica em duas revoluções/rupturas para a transição da ciência.

1.5- Crítica e percurso para o método científico no *Zeitgeist*

Mas, diante do exposto até aqui, estaria disposto o movimento a submeter seu corpo teórico à prova? Estaria sua concepção de ciência apta a dialogar com as mais recentes teorias sobre o papel da ciência na modernidade? Contaria o movimento com um suporte capaz de imunizá-lo da crítica? Ocupar-se-á, neste momento, para uma avaliação crítica da proposta científica do movimento *Zeitgeist*,

tendo como interlocutores Thomas Kuhn e Boaventura de Sousa Santos e suas concepções acerca da ciência moderna.

A forma como o MZ investe na ciência como tábua de salvação com foco no amanhã para resolução dos problemas estruturais na sociedade pode ser comparada à ciência normal e seu paradigma, que com fé²⁴, insistência e paciência dos cientistas tentam soluções para os quebra-cabeças, conforme os denomina Kuhn (2013).

Segundo Kuhn, a ciência normal se dá através de um campo de estudo a partir de modelos concretos, sendo as pesquisas baseadas em paradigmas compartilhados, e estes estão submetidos às mesmas regras e padrões da prática científica. Estes consensos geram os pré-requisitos para a ciência normal e dão continuidade à tradição da pesquisa.

O foco do MZ em comprometer a ciência a criar formas concretas para uma sociedade que supere a escassez e esteja comprometida com a sustentabilidade, ou seja, com a economia de recursos, demonstra uma constante mudança e/ou expectativa de paradigma na constituição do estudo da pesquisa da ciência normal. Kuhn (2013) aponta que:

Essas transformações de paradigmas da ótica física são revoluções científicas e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida (KUHNS, 2013, p.79).

Para Kuhn, estas revoluções se dão através da motivação do trabalho científico que ele nomeia de resolução de quebra-cabeças. Sua pesquisa esmiúça a história da ciência, do próprio desenvolvimento das ciências naturais físicas, a profissionalização dos cientistas, as grandes e pequenas revoluções na química, física e biologia, assim como a consolidação das áreas disciplinares, suas preocupações e pretensões quanto à convenção sobre a existência de determinados

24 De acordo com Kuhn: As escolas características dos primeiros estágios do desenvolvimento de uma ciência criam essa situação. Nenhuma história natural pode ser interpretada na ausência de pelo menos algum corpo implícito de crenças metodológicas e teóricas interligadas que permita seleção, avaliação e crítica. KUHNS, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Perspectiva, 2013.P.81.

problemas e suas possíveis soluções, o convencimento de um paradigma ou a superação deste para outro.

Assim, a concepção de ciência do Movimento *Zeitgeist* parece se comparar à ciência normal concebida por Kuhn, ao apontar que sua atividade é solucionar quebra-cabeças de forma cumulativa e seu objetivo é ampliar o alcance do conhecimento científico.

Porém, para Kuhn, a revolução científica só ocorre em momentos de crise da ciência normal que sofre por não conseguir resolver determinados quebra-cabeças:

A emergência de novas teorias é geralmente precedida por um período de insegurança profissional pronunciada, pois exige a destruição em larga escala de paradigmas e grandes alterações e problemas e técnica de ciência normal. Como seria de esperar, essa insegurança é gerada pelo fracasso constante dos quebra-cabeças da ciência normal em produzir os resultados esperados. O fracasso das regras existentes é o prelúdio para uma busca de novas regras (KUHN, 2013, p. 176).

As atitudes dos cientistas perante as anomalias e crises passam a ser diferentes e as pesquisas se transformam, tendendo ao início de uma mudança de paradigma. Assim, a ciência normal depende de um processo cumulativo de conhecimento, de instrumentos, técnicas para manutenção e tentativa de resolução de quebra-cabeças, porém, a ciência revolucionária se desenvolve de forma não cumulativa, “nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 2013, p. 179).

A questão central, portanto, para Kuhn (2013), é libertar a concepção de ciência e conhecimento, que está entrelaçada em uma epistemologia que acredita no conhecimento científico cumulativo. O movimento *Zeitgeist*, ao conceber um sistema político-econômico baseado na ciência, espera, acredita e investe na ideia de que esta possa resolver as mazelas do mundo, a partir deste sistema da concepção de ciência cumulativa de conhecimento que, segundo Kuhn (2013), funciona devido à destreza dos cientistas que praticam a ciência normal, que detêm a habilidade de selecionar os fenômenos já existentes que podem ser resolvidos. Segundo Kuhn (2013), quando observada a trajetória histórica dos fatos da ciência, não ocorre essa imagem criada da ciência de caráter cumulativo, sendo, pelo contrário, uma outra espécie de empreendimento.

Já Boaventura de Sousa Santos (1989), observa na ciência uma crise, assim como na escolha epistemológica também está presente uma crise. Segundo Santos (1989), “só existe ciência enquanto crítica da realidade a partir da realidade que existe e com vistas à sua transformação em uma outra realidade” (1989, p. 48). Este conhecimento científico deveria se transformar em um senso comum reelaborado e matizado; aqui observamos uma aproximação com a concepção de ciência do Movimento *Zeitgeist*, pois este imagina uma ciência absolutamente planejada e inclusiva no funcionamento da sociedade.

Para Santos (1989), a questão do unitarismo ou dualismo epistemológico entre as ciências naturais e as ciências sociais está fundada na hegemonia da filosofia positivista das ciências naturais. Assim, deveria ocorrer um rompimento, uma libertação do modelo filosófico positivista para que as ciências pudessem entrar em acordos de diversas instâncias.

Para tanto, Santos (1989) aponta a ciência como campo de tradição e autoridade, pautando em si apenas uma forma de verdade. A verdade é o resultado de consenso científico da comunidade científica e, neste sentido, quem utiliza o termo científico tem por costume buscar crédito de aprovação e de verdade.

Em relação ao discurso das ciências, algo também defendido pelo MZ, Santos (1989) expõe a necessidade da análise das condições da sociologia das ciências, que responsabiliza o papel da ciência no pós-guerra e a emergência de uma consciência social crítica “sob o impacto do desenvolvimento tecnológico na criação de alienação social, na destruição do meio ambiente e no agravamento das desigualdades entre países centrais e periféricos” (SANTOS, 1989, p. 64).

Para o MZ, a sociedade deve estar em plena sintonia com a natureza, pois a mesma constitui um corpo simbiótico único que compõe todo o planeta e é governada em absoluto por suas leis naturais; desta forma, a ciência deve ser a ferramenta a conduzi-la para o respeito, dependência e limitação que se dão em relação e na relação com a natureza, na configuração dos recursos naturais, animais e seres humanos. Assim, o ser humano não deveria se posicionar acima dos outros animais utilizando para isso a ciência; para tanto, necessita de uma nova consciência de ser, de uma revolução no pensamento em seus mecanismos

epistemológicos. Santos (1989) aponta a concepção dominante de ciência como a configuração de crise da ciência moderna que se revela nociva tanto para o desenvolvimento humano quanto do planeta.

A concepção instrumentalista e unidimensional da natureza reduz esta a uma matéria prima sob a qual o homem soberano inscreve o sentido histórico do processo de desenvolvimento. Desta forma, a ciência moderna provoca uma ruptura ontológica entre o homem e a natureza na base da qual outras se constituem, tais como a ruptura entre o sujeito e o objeto, entre o singular e o universal entre o mental e material, entre o valor e o fato, entre o privado e o público (...)" (SANTOS, 1989, p. 66).

Segundo Santos (1989), a forma de concepção da natureza que temos está ligada à própria formação do pensamento científico, do sujeito e do objeto, da teoria e dos fatos e da observação e da participação nestes três, com correntes objetivistas, naturalistas, empiristas, e correntes racionalistas (idealistas e subjetivas). Para explicar a realidade criamos metodologias e construímos teorias que fundamentam e conceitualizam a realidade. Assim, Santos (1989) aponta que a teoria é processual, e que existe uma diferença entre os objetos dos conhecimentos criados e a realidade material, mesmo com o conhecimento produzido tendo correspondência com a realidade, perde-se a busca por uma verdade absoluta, e/ou cópia fiel da realidade, uma vez que "o conhecimento é sempre falível, a verdade é sempre aproximada e provisória" (Santos, 1989:72).

A crítica de Santos (1989) recai sobre a ciência moderna que parece obcecada pelo método; o autor utiliza a crítica hermenêutica para analisar a metodologia racionalista que, como concepção de conhecimento científico, não compõe, não engloba todas as implicações na construção teórica em determinado contexto social.

Uma das aproximações possíveis entre a concepção de ciência defendida por Santos (1989) e o movimento *Zeitgeist* está na ideia do movimento de almejar o compartilhamento ilimitado de informações e possibilidades dos avanços do conhecimento científico para toda a população e do contato e absorção desta linguagem e desta forma de conhecimento.

Para Santos (1989), trata-se da:

superação da distinção entre ciência e senso comum e da transformação de ambos numa nova forma de conhecimento, simultaneamente mais reflexivo e mais prático, mais democrático e mais emancipador do que qualquer deles em separado. Para isso é necessário que se conjuguem condições teóricas e sociais cuja definição cabe à segunda ruptura epistemológica. (SANTOS, 1989, p. 76).

Desta forma, a dupla ruptura proposta por Santos (1989) para o desenvolvimento da ciência pós-moderna, está na constituição de um auditório universal que possibilite a superação da dupla ruptura da ciência moderna e do senso comum. Assim, este autor (1989) aponta que o desenvolvimento da ciência é uma teia de discursos argumentativos, que distingue a comunidade científica de qualquer outra comunidade e sua prática retórica, tem como objetivo restituir a própria prática concreta dos cientistas.

Outro aspecto importante da ciência discutido por Santos (1989), que encontra aproximação com o Movimento *Zeitgeist* está na crítica ao uso da ciência para as guerras, apontadas pelo MZ no documentário, sobre os interesses políticos e econômicos no envolvimento e patrocínio das guerras, como algo altamente rentável e do uso da ciência como instrumento da vitória e imposição desses conflitos e a justificativa desta para avanços tecnológicos.

Santos (1989) analisa que após a década de trinta nos Estados Unidos, o desenvolvimento do capitalismo acarretou, acompanhado do desenvolvimento tecnológico, consequências sociais violentas, na forma de produção, no desemprego e na vida do operário, enquanto a ligação da ciência com a máquina de guerra, como na área da química, por exemplo, que se iniciou na Primeira Guerra Mundial, se transformou na produtora de armas, explosivos equipamentos militares, tanto mais rentáveis quanto mais destrutivos.

Esse caminho traçado para a ciência trouxe consequências catastróficas, como as bombas atômicas, tirou sua credibilidade enquanto forma e método de conhecimento e iniciou o questionamento sobre as funções sociais da ciência.

Segundo Santos (1989), a ciência foi absorvida pela ideologia liberal, e sua autonomia se esvaiu, ocorrendo uma estratificação entre os trabalhadores cientistas e destaca o monopólio das universidades quanto à produção de conhecimento

científico dominado pelos governos e indústria. Deste modo, a ciência passa a ser uma ferramenta de rentabilidade em favor da indústria e de interesses comerciais.

A partir destas duas visões sobre o papel da ciência na atualidade, pode-se extrair a concepção de que a discussão sobre o que se entende por ciência e seu papel social continua a ser um tema controvertido; nota-se, assim, que a aposta do MZ em uma visão compartilhada da ciência e em seu caráter de promotor do desenvolvimento do conhecimento e do bem-estar humano, para além dos interesses de mercado, encontraria respaldo nas mais recentes teorias da ciência. Na versão de Kuhn ele se enquadraria num momento especial da reflexão científica, a ciência normal; já na interpretação de Santos, ainda que com matizes, a proposta do MZ encontraria consonância e abre uma instância de diálogo que pode ser frutífero e imprescindível para a compreensão dos rumos do movimento.

No próximo capítulo será analisada a ideia de economia de recursos engendrada pelo MZ, assim como a crítica ao capitalismo, sistema que tem como alicerce o desenvolvimento de uma ciência que objetiva apenas o lucro. O movimento propõe uma outra forma de ciência. Uma ciência colaborativa e não ligada a visão de lucro atual.

2 – ZEITGEIST: ECONOMIA E POLÍTICA

O Movimento *Zeitgeist* procura expor as contradições do sistema capitalista atual, com o objetivo de demonstrar que este é um sistema irremediavelmente eivado de problemas e profundamente falho, o que pode conduzir à destruição do planeta às custas de milhões de vidas. O MZ pretende oferecer, por meio de seu material de divulgação, uma possibilidade de superação deste modelo que depende da vontade, esforço, mudança de consciência e engajamento de cada indivíduo para possibilitar tal encaminhamento para a incontornável superação mudança.

O modelo econômico se disfarça, de acordo com a interpretação do MZ, dentro do cenário político pondo-se como democrático, mas que na verdade determina uma parcela pequena de vencedores ao incentivar o funcionamento do mercado econômico através do princípio da meritocracia. Este modelo econômico passa, desta forma, a governar o governo, a determinar os passos da política pública, submetendo os presidentes/governantes dependentes de uma lógica econômica e da valorização/desvalorização da moeda internacional.

As consequências para a população são a falta das condições básicas de vida como saneamento, saúde, educação, que é justificada pela necessidade de produzir cada vez mais para consumir cada vez mais. Isto coloca em xeque as condições do planeta de suprir esse modelo de produção e consumo, assim como a irresponsabilidade perante o meio ambiente, que já sente as consequências do modelo industrial produzido nos últimos séculos, com desmatamento acelerado, poluição da água e do ar, extinção de diversas espécies de animais.

A base geral do conceito de Mercado Monetário (capitalista, de livre mercado) tem fundamentalmente a ver com os pressupostos relativos ao comportamento humano, aos valores tradicionais e a uma visão intuitiva da história - e não a um raciocínio emergente, a medidas reais de saúde pública, à capacidade técnica ou à responsabilidade ecológica. É uma abordagem não-técnica e filosófica que simplesmente assume que as decisões humanas feitas por meio de sua lógica interna e de seu sistema de incentivos irão produzir um resultado responsável, sustentável e humano, impulsionadas pela noção ilusória de "liberdade de escolha" que, em uma perspectiva de

funcionalidade social, parece equivalente a uma anarquia organizacional (JOSEPH, 2014).

Para compor a análise do sistema econômico capitalista, sua dinâmica e seus processos históricos, selecionou-se Mikhail Bakunin e, em especial sua obra *Estatismo e Anarquia* (2003). Nesta obra Bakunin propõe, à semelhança do MZ, a abolição do Estado e a defesa da igualdade econômica e social.

A escolha do autor está alicerçada em um postulado que assumimos e que visa uma possível ponte/aproximação com o movimento *Zeitgeist*, que igualmente expressa a necessidade da mudança do sistema político-econômico e sua organização, sendo a liberdade individual, a autonomia de cada ser humano a forma de autogoverno para prevenir a sociedade de instituições e governos corruptores.

Para Bakunin (2003), o estatismo é todo o sistema que consiste em governar a sociedade de cima para baixo em nome de um pretendido direito teológico ou metafísico, divino ou científico, enquanto a anarquia é a organização livre e autônoma de todas as unidades ou partes separadas que compõem as comunas e a sua livre federação, fundada de baixo para cima, não sobre a injunção de qualquer autoridade, mesmo que eleita:

A indústria capitalista e a especulação bancárias modernas necessitam, para desenvolverem em toda a amplitude desejada, destas grandes centralizações estatais, que, sozinhas são capazes de submeter a sua exploração os milhões e milhões de proletários da massa popular. Assim também a organização federal, de baixo para cima, das associações de operárias, dos grupos, das comunas, dos cantões e, por fim, das regiões e das nações, é a única condição de uma liberdade real e não fictícia, tão contrária a natureza da indústria capitalista e da especulação bancária, quanto é incompatível com elas todo sistema econômico autônomo. Ao contrário, a indústria capitalista e a especulação bancária acomodam-se muito bem com a democracia dita representativa, pois, esta estrutura moderna do Estado, fundada na pseudo-soberania da pseudovontade do povo, pretensamente expressa por falsos representantes do povo em pseudo-assembléias populares, as duas condições prévias que lhes são necessárias para atingir seus fins, isto é, a centralização estatal e a sujeição efetiva do povo soberano à minoria intelectual que o governa, quer dizer, que o representa e o explora de forma inevitável (BAKUNIN, 2003:35).

Segundo Bakunin (2003), a revolução, necessária e inevitavelmente, tem que passar pela destruição, destruição apaixonada, salvadora e fecunda, para, então, a partir desta, criar possibilidades de mundo. O autor ainda frisa que essa concepção é totalmente incompatível com o pensamento burguês que está enraizado/fundado

no culto à propriedade privada, sendo que o burguês sacrificará sua vida, honra e liberdade, mas jamais os seus bens.

Através de sua análise da política econômica europeia, destacando principalmente a situação da França, Itália e Alemanha, Bakunin (2003) observa uma guerra mortal entre o proletário miserável e a sociedade culta privilegiada, sendo vencedora apenas uma das partes.

Assim, o autor demonstra como a burguesia vence essa guerra e seus mecanismos, usando o exemplo francês, que subjuga à força o povo revoltado, oprimindo com baionetas, chicote, cassetete, com Deus e com a justificativa racional da ciência de que a massa operária deve voltar a trabalhar e, de modo forçado, o Estado deve ser restaurado. Isto coloca em evidência dois mundos antagônicos: de um lado, as classes privilegiadas e, de outro, a classe operária, sem direitos e miserável.

Em uma tentativa de aproximação com o Movimento *Zeitgeist*, percebe-se em seu cerne uma proposta de cunho marcadamente anarquista. Apesar de o MZ negar comparações/rotulações, seus ideais expostos nos diversos documentos de divulgação evidenciam a busca de uma noção de sociedade que seja essencialmente igualitária e mais “humanizada” e sem a intervenção do Estado.

Nesta proposição não deve existir um Estado, um governo ou representantes políticos, visando a uma união planetária dos seres humanos, interligados pelas leis naturais que governam o planeta, à superação da escassez, ao fim do abismo entre uma minoria rica e uma maioria da população mundial pobre.

De acordo com o movimento, esta transformação não poderá ser feita através da luta violenta e sangrenta do corpo a corpo pelos miseráveis e desclassificados, aqueles que estão à margem dos acontecimentos, mas através de uma transformação, de uma revolução de consciência, com a mudança de cada indivíduo que, por meio do conhecimento e da razão dos fatos, diante da desordem, do caos provocado pelo sistema capitalista, escolha a extinção deste sistema sem qualquer tipo de coação.

Segundo o MZ, o sistema capitalista de livre mercado em que vivemos se autodenomina/justifica e se fundamenta por meio de pressupostos relativos ao comportamento humano, aos valores tradicionais e de uma visão intuitiva da história. Tal noção estaria construída com base na noção de “liberdade de escolha” que o sistema proporcionaria, assim como os meios possíveis para progredir associada ao mérito de cada indivíduo, legitimando-se por uma lógica interna de incentivos/competitividade/progresso e poder.

Assim, se desde o desenvolvimento da agricultura no período Neolítico, os homens e mulheres precisaram criar formas de convivência em grupo, devido à necessidade de sobrevivência às intempéries como frio/calor, fome e da proteção contra outros animais, teríamos na sequência o surgimento das primeiras aldeias em que a prática do cultivo possibilitou a maior oferta de alimentos, desenvolvendo espaço para o sedentarismo entre esses grupos humanos.

Neste contexto, cria-se a necessidade da troca daquilo que sobra naquela aldeia por itens que ali não existam e/ou faltam com outras aldeias vizinhas. Há a partir de então uma infinidade de possibilidades daquilo que poderia ser trocado como, por exemplo, lã, linho, algodão, madeira, cerâmica, peças de artesanato, utensílios em geral, peles de animais e os próprios animais que passavam a ser domesticados e também das sementes que poderiam ser utilizadas para facilitar a troca através de sua contagem.

A partir desta breve contextualização das experiências realizadas no passado, observa-se que não se poderia justificar o surgimento do comércio, do dinheiro ou do Estado com as relações acima citadas, pois não se configuram deste modo e estão diretamente/especificamente e drasticamente relacionadas com a necessidade de sobrevivência de determinadas comunidades/aldeias/grupos humanos.

Este exemplo serve para demonstrar a ideia de determinismo histórico que conflui poder, tanto para a construção do conhecimento histórico, quanto para aqueles que se apropriam deste para justificar o injustificável; neste caso, teríamos os Estados/governos e territórios considerados vitoriosos historicamente em seus domínios.

Outro fator que deve ser assinalado é o evolucionismo histórico, o qual, segundo o exemplo acima, teria sementes como a primeira moeda de troca até chegar ao papel-moeda/cartão de crédito e, assim, neste processo evolutivo, estaríamos perfeitamente no topo da evolução, no ápice do nosso desenvolvimento. Tal visão é, no mínimo questionável, para não dizermos insustentável.

Segundo a visão que defende o evolucionismo histórico, os países que entraram e entram em conflito e saíram vitoriosos seriam os mais aptos, os mais fortes, os mais corajosos, os mais inteligentes e, assim, poderiam justificar a dominação e espoliação sobre os outros, sejam estes povos, países e/ou etnias.

Estas interpretações não são inocentes e sim mal-intencionadas, e servem de base para justificar as atrocidades que os seres humanos fizeram e fazem e mais, para justificar o modelo político-econômico que vivemos, como se o sistema capitalista fosse o ideal, o melhor sistema criado até o momento para o desenvolvimento humano e social, através de sua sobrevivência, renovação e capacidade de reformulação.

Desta forma, quem utiliza o conhecimento histórico e a teoria evolutiva para forçosamente justificar e dar crédito ao sistema capitalista vigente, parece fazê-lo por intenção manipuladora, mal-intencionada e com vista ao controle e ao poder. Torna-se visível/palpável ao senso comum que, através da insistente repetição por gerações, acredita nestes argumentos e ajuda a alimentar o funcionamento do sistema, e, quando pensa em mudança e/ ou luta contra o sistema, desiste ou se conforma, se acomoda, pois persiste a crença de que não seria possível mudar algo neste tipo de “sistema consolidado”.

Isso demonstra o perigo da crença de que a condição humana estaria inevitavelmente fadada a viver no sistema capitalista, cuja tendência seria sempre melhorar, seja pela fé, seja pela ciência:

É por isso que o modelo de uma economia monetária de mercado é muitas vezes considerado naturalmente religioso nos materiais do MZ, pois seu mecanismo causal é baseado em suposições praticamente supersticiosas sobre a condição humana, havendo pouca correlação com os entendimentos científicos emergentes sobre nós mesmos e sobre a rígida relação simbiótica/sinérgica entre o nosso habitat e as leis naturais que o regem (JOSEPH, cap. 3, 2014).

Neste momento, vale asseverar que o papel da ciência hoje capitalizada, dependente de investimentos governamentais ou da iniciativa privada, passa por um processo que a torna, no limite, vil, conforme lembram Santos (1989) e o movimento *Zeitgeist*, em relação à criação da bomba atômica, a demonstrar uma situação de subserviência da ciência para objetivos de guerra.

Para o MZ, trata-se especialmente da forma como EUA, assim como os países europeus, mantêm, desenvolvem e renovam o sistema capitalista, já que a máquina de guerra gera lucros, necessita de mão de obra e desenvolvimento científico-tecnológico.

Tal raciocínio justifica, mais uma vez, como se essas coisas caminhassem coladas e necessariamente juntas, que as guerras trazem as melhores invenções e desenvolvimento tecnológico para a população, como se fosse possível mensurar um lado bom nos conflitos locais e mundiais por território e/ou recursos naturais/matéria-prima e as consequências catastróficas advindas destes conflitos com as mortes de milhões de seres humanos e a exploração, poluição e devastação do meio ambiente.

Outro fator que precisa ser salientado aqui é esta fé mencionada acima, relacionada ao funcionamento *ad infinitum* do sistema capitalista; esta fé cega, os milagres econômicos, a crença religiosa e/ou fé nas instituições religiosas consolidadas, tendo como exemplos principais e essenciais o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo²⁵.

Estas três, certamente as mais poderosas e influentes do mundo em ordem de surgimento e criação histórica até o momento, foram a principal forma de controle da população, de formação de valores éticos, de obediência a um Estado e/ou liderança.

25 De acordo com Paine: “Eu acredito na igualdade do homem; e eu acredito que os deveres religiosos consistem em fazer justiça, a misericórdia amorosa, e esforçando-se para fazer nossos semelhantes felizes”. “Eu não acredito no credo professado pela igreja judaica, pela igreja romana, pela igreja grega, pela igreja turca, pela igreja protestante, nem por qualquer igreja que eu saiba. Minha própria mente é minha própria igreja. Instituições nacionais de igrejas, sejam judeus, cristãos ou turcos, parecem-me senão invenções humanas, criadas para aterrorizar e escravizar a humanidade e monopolizar o poder e lucro”. PAINE, Thomas. A Era da Razão. Vol 1. Clube dos Autores. Publicação original, 1794. p.10.

A instituição religiosa foi instrumento de dominação e articulação com o sistema que se formava de acúmulo de riquezas; ai cabe salientar as particularidades pós-século XVI com a formação das monarquias nacionais na Europa Ocidental, que criaram, fundaram e desenvolveram métodos singulares de trocar coisas de toda ordem, todo tipo, que chamamos atualmente de mercadoria, assim como os usos de moedas de ouro/prata/bronze entre outros minérios/pedras, considerados valiosos/preciosos, enquanto representação simbólica de algo ou coisa e equivalência destes através de uma valoração, também simbólica, agregada.

Desta forma, a moeda é justificada como forma prática/rápida de se realizar as trocas de mercadorias, trocas comerciais; assim, por exemplo, uma moeda de ouro poderia ser utilizada para se trocar por uma saca de milho, por um porco ou por uma lata de óleo.

Esta forma de utilização da moeda enquanto equivalência e contagem pela quantidade/unidade de mercadorias se configura na forma mais básica do seu uso, já que esta vai se tornar muito mais complexa.

As afirmações anteriores valem igualmente para a terra. O uso da terra, território, solos férteis, carrega uma importância mais antiga, que a própria História tem dificuldade de determinar, constitui palco das lutas e de derramamento de sangue até os tempos atuais, por influência, por criação, desde um cercado que determina uma propriedade privada, até muros, grades, pontes, montanhas, rios e oceanos que dividem fronteiras.

Trata-se de uma característica que a terra/território carrega - importância, potência e essencialmente valoração, valor agregado, ali pode-se viver, ali pode-se plantar, criar animais, ali pode-se construir.

A partir daí, para criar correspondência em moedas e, posteriormente, dinheiro, seria uma questão de tempo: o valor de um pedaço de terra, de um metro quadrado (1 m²), a localização, a qualidade do solo, o país onde se encontra, entre outros detalhes.

A terra continua sendo o principal meio de sobrevivência, sentido e justificativa do viver e de sobreviver, mesmo que para obtê-la se tenha que pagar um

preço, correr um risco ou precisar guerrear, ainda assim ela é considerada um bem essencial, um bem maior.

Retomando a análise da fusão entre a religião e o sistema capitalista citada acima, observa-se primeiramente que ocorre um afastamento ao longo dos séculos entre a fé/o sentimento/a sensibilidade espiritual do indivíduo e a própria sensação e necessidade de pertencimento a um coletivo, das propostas de paz, tolerância, compaixão e valores éticos/morais, pois a formação das lideranças destas entidades religiosas assume um papel de poder e autoridade²⁶, gerando facilidades/privilégios acima do povo/comunidade, exercendo assim seu poder através do medo e obtendo o respeito através deste.

Aquilo que preenchia o indivíduo, que dava sentido à sua vida, que lhe dava a mesma sensação/alívio reconhecimento, de pertencimento e participação em uma comunidade, acesso a algo maior a algo que o representava, que o alimentava, que o acolhia e o acalantava, acaba por se tornar ambíguo, guiado por medo, por interesses, pelo controle das informações e do conhecimento.

Ressalte-se que muito antes do desenvolvimento dessas religiões monoteístas tradicionais e poderosas no mundo, já existiam diversas crenças em forças e seres superiores, poderes inexplicáveis.²⁷

26 De acordo com Cupitt "...as antigas mitologias acertam ao dizer que os deuses foram os primeiros reis, os primeiros senhores da terra e a primeira classe alta. É razoável postular que a crença nos deuses desse tipo essencial se desenvolveu lentamente no período após 7.500 a.C., quando tiveram início as atividades agrícolas e a fixação ao solo. Os deuses corporificavam, e eram, as concentrações maciças de autoridade sagrada e poder disciplinar, necessários para a evolução das primeiras sociedades estatais. A única maneira de transformar um nômade em um cidadão, era induzir nele o temor a um deus". CUPITT, Don. *Depois de Deus*. 1. ed., Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. De acordo com Eliade "[...] Propus um limite para o uso da palavra deus, limite este que reconhece um sistema simples: vejo a crença nos espíritos como típica da velha ordem nômade, e a crença nos deuses propriamente ditos surgindo com a ascensão das primeiras sociedades-estado, pois, para haver um Estado, era preciso existir um centro e fonte de legitimação e poder que fosse estável e reconhecido por todos – e isso era fornecido por um deus. A imortalidade do deus garantia a continuidade do Estado". ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. 1. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

27 De acordo com Vernant "entre o religioso e o social, o doméstico e o cívico, portanto, não há oposição nem corte nítido, assim como entre sobrenatural, natural, divino e mundano. A religião grega não constitui um setor à parte, fechado em seus limites e superpondo-se à vida familiar, profissional, política ou de lazer, sem confundir-se com ela". VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. 1. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

As Igrejas monoteístas se apropriaram de concepções das religiões pagãs milenares para inculcar a ideia dualista de bem e mal, de subserviência a algo ou alguém maior, mais poderoso, que levaria a um julgamento sobre a qualidade de pessoa que se é, e assim adviriam as punições mais cruéis, além de se instituir a noção de estar sempre em dívida com o que o cerca, seu mundo, família, amigos, ofício, interligada à noção de pecado, sofrimento e punição, a ser compensado/recompensado pelo alcance de algo melhor *a posteriori*, ou seja, após a morte.

Desta forma, não basta ser fiel à crença religiosa, ser servo, mas é necessário sofrer e pagar com seu tempo de vida esta dívida eterna para ser julgado e salvo na próxima vida que, então, promete ser plena e paradisíaca.

A ligação entre a Igreja e o sistema capitalista se dá em função do interesse de governar e guiar as populações, inicialmente por meio de governos patriarcais até os governos complexos teocráticos²⁸. Este interesse se concretiza por meio da dominação, poder e controle social e esta ligação foi constituída antes do sistema capitalista atual se desenvolver, pois, a acumulação de terras ocorreu antes e o controle das informações também.

Avançando na análise para explicar a ligação entre as religiões e o sistema capitalista, observa-se, após o século XVIII na Europa, uma laicização²⁹ de alguns governos que passam a reivindicar a separação dos poderes entre a Igreja e o Estado; monarquias e, posteriormente, repúblicas democráticas reivindicam o poder.

Cabe salientar que entre o século XVI e XVII, com o avanço do desenvolvimento científico, chocam-se os interesses e domínios da Igreja Católica principalmente. A Igreja alcançou sua manutenção, sustentação e consolidação ao

28 Sociedades com registros escritos e/ou arqueológicos que figuram com mais de 5 mil anos, sendo maias, astecas, egípcios, com formas de governo teocráticas e já praticavam religiões politeístas e o controle da produção de alimentos e dos rituais religiosos.

29 De acordo com Hobsbawm: após o século XVII com a advento do Iluminismo na Europa, principalmente, na influência da Revolução Francesa. HOBBSAWM, Eric J. A Era das Revoluções (1798-1848). 35. ed., Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. pp. 5-286.

longo dos séculos devido ao domínio das informações e, principalmente, devido ao acúmulo de riquezas, incluindo-se então as terras para além das pedras preciosas³⁰.

Isto permitiu uma financeirização primitiva, um acúmulo inicial de moedas de troca, encaixando-se e se moldando às movimentações, às trocas comerciais de mercadorias, enquanto a população estava condicionada à ideia de salvação após a morte e da dívida nesta vida. Esta noção levará os homens e mulheres a significarem suas vidas pelo trabalho/ofício e fazer deste o caminho para a salvação e pagamento da dívida³¹.

Entende-se, deste modo, para além dos feitos mais tenebrosos e atrocidades produzidas pelas religiões e Igrejas, como a escravização, catequização e dominação dos povos e culturas das Américas, África e Ásia, que seja fundamental analisar a questão da escravização das mentes, nesta associação entre as religiões e o sistema capitalista.

Retomando aqui o tópico do desenvolvimento da moeda, entende-se que, no capitalismo, ela tem um significado que ultrapassa um número correspondente a um valor, valor este monetário, aquela moeda que antes era de ouro e era trocada diretamente por mercadorias, posteriormente tornou-se o lastro correspondente a um papel-moeda, transformando-se, ao longo dos séculos, em algo raro, essencial para os impérios, que a acumularam em seus cofres.

Esta caçada, ou seja, esta busca por acúmulo de dinheiro, feita através da troca do trabalho manual e/ou intelectual por dinheiro, desta forma adquirindo um montante de dinheiro o sujeito pode trocá-lo por comida, terra e qualquer coisa,

30 De acordo com Fremantle, durante a Idade Média o poder da Igreja Católica se consolidou, influenciando a política e a economia europeia, seus domínios se estenderam através da cobrança de Indulgências, acumulando terras e ouro. Após o século XV com o advento do protestantismo estremece os pilares de poder da Igreja Católica, como exemplos o confisco das terras da Igreja na Inglaterra através do Anglicanismo, e posteriormente a influência política dos iluministas que desaguarda na Revolução Francesa e assim na separação do poder religioso do poder do Estado. FREMANTLE, A. *A Idade da Fé*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p.38. Biblioteca de História Universal Life.

31 Neste ponto são feitas referências à questão da prosperidade econômica em relação com a religião, apontada na obra de Weber como espírito capitalista, já que a educação protestante abarca uma visão racionalista de economia. WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

desencadeou algo de mais primitivo e mais básico na nossa existência, que é a sobrevivência.

O motivo pelo qual se movimenta o corpo e se utiliza a mente está condicionado diretamente a como conseguir o papel-moeda. A partir daí um pedaço de papel, “papel-moeda” passa a *Ser*, por si só governar e guiar as decisões humanas; a escravização das mentes então passa por dois eixos complementares, o vazio e/ou preenchimento do sentido da vida através da religião, com a velha sensação de estar em uma corrida para o além, para algo melhor. Busca incessante pela salvação na tentativa de pagamento de uma dívida eterna com o divino, com a infeliz e ilusória busca pelo papel-moeda (dinheiro)³².

O dinheiro pode ser, momentaneamente, a fórmula para a felicidade para aqueles que o detém ou o criam, porém escraviza-se a mente com a necessidade de adquiri-lo, mantê-lo ou multiplicá-lo, sendo assim uma corrida para pagamento de uma dívida. Assim, desde o nascimento a mente parece condicionada a mantê-lo ou adquiri-lo; mesmo sendo um proprietário ou um empregado, a mente passa a trabalhar em função do dinheiro para se obter todas as outras coisas da vida, porém a ela persiste nesta crença e neste medo-guia, que controla e consome ao longo do tempo.

Neste momento, o dinheiro passa a ter um poder sobrenatural e torna-se o *deus dinheiro*³³, com força para transformação no mundo, para escravizar uma

32 De acordo com Weber - com o advento do protestantismo, a doutrina, ou seja, a cultura católica modificou-se, e a salvação passou a ser para alguns, não mais passível de ser conquistada, mas sim uma providência divina, no qual o trabalho era meio crucial para glorificar-se. Para o protestante, o trabalho enobrece o homem, o dignifica diante de Deus, pois é parte de uma rotina que dá às costas ao pecado. Durante o período em que trabalha, o indivíduo não encontra tempo de contrariar as regras divinas: não pratica excessos, não cede à luxúria, não se dá a preguiça: não há como fugir das finalidades celestiais, complementando toda a doutrina protestante, ainda é crucial pontuar que nesta religião não há espaço para sociabilidade mundana, pois todo o prazer que se põe a parte da subserviência a Deus, fora considerado errado e abominável. Assim, restava a quem acreditava nestas premissas, o trabalho e a acumulação, já que as horas estendidas na produção excediam as necessidades destes religiosos, gerando o lucro. Essa mudança de comportamento social gera mudança na economia. (WEBER, Max. 2004, *Ibid.*, pp. 33,34).

33 De acordo com Marx: “Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como com um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo inferior, e tantos menos o trabalhador pertence a si próprio. É do

sociedade inteira em dívidas como para tornar realidade os sonhos de uma família feliz abastada, poder de construir e destruir mandar e desmandar. Através dos bancos ele não precisará ser visto nem tocado, basta ser mencionado, inscrito, numerado e venerado.

Contudo, a ideia raiz que viabiliza a persistência do modelo político-econômico capitalista alicerçado/apoiado em potências religiosas é própria da condição humana, como o Movimento *Zeitgeist* também observa.

A compreensão do desenvolvimento e ligação entre as grandes religiões e a consolidação do sistema capitalista, que justificam sua eficácia e sobrevivência através da condição humana é, deste modo, essencial para acercar-se da visão expressa pelo MZ, uma vez que esta ligação estaria fundada no medo, na necessidade do reconhecimento do homem/mulher em sua liberdade, em sua plenitude de ser, de progredir, de atuar como cuidador(a) e mantenedor(a) da família, um verdadeiro competidor(a), forte e adaptado(a), ao mundo do trabalho, além também do medo do juízo final.

Nessa condição humana fundada no medo gera-se a necessidade de fazer o “bem”, de ser o melhor, de entregar-se ao controle de algo maior, superior, divino, de sentir a vulnerabilidade inerente à existência humana, mas condicionada neste exemplo a uma canalização desta vulnerabilidade³⁴.

Esta canalização se dá na busca do reconhecimento do outro, participação e pertencimento a um coletivo específico, limitando-se a acreditar em total separação

mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização (*Entausserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (*aussern*), mas, bem além disso, que se torna uma existência que existe fora dele (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha”. MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, p.81, 2004.

34 De acordo com Arendt: Vulnerabilidade, conceito analisado em sua dimensão ontológica constitui uma dimensão inextricavelmente vinculada à vida, no qual os seres humanos têm a marca da existência, materializada no fato de uma vida individual, com uma história de nascimento e morte. ARENDT, Hannah. A Condição Humana, 10. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

e diferença pela etnia e/ou cor da pele, língua ou território, passando também a acreditar, com base no medo e na dívida, que a soma de suas boas ações será listada e contabilizada para que a posteriori (pós-morte) tenha-se uma nova e plena vida.

Este trabalho não pretende, no entanto, postular a ideia do fim das religiões, menosprezá-las ou servir de motivação a qualquer tipo de justificativa para perseguição a religiosos; muito menos desrespeitar a fé/crença de cada indivíduo; nem parecer um modelo universal de pensamento, mas sim demonstrar, analisar e observar a urgência de nos reconhecermos como espécie, seres humanos que vivem e dependem do mesmo território/planeta.

Esta interdependência está diretamente ligada ao que chamamos natureza, que compõe todo o ecossistema do qual fazemos parte associado a todos os seres vivos e recursos naturais; que a forma como formamos as grandes civilizações se deu às custas da vida de milhões de seres humanos³⁵.

Os resultados até o momento são catastróficos com manutenção de guerras em disputa por recursos minerais, território ou religião, com sociedades assoladas por fome, perseguição, medo, violência e com os recursos naturais do planeta cada vez mais escassos e poluídos.

A concepção do *Zeitgeist* não coloca uma solução definitiva para todos os problemas do planeta, não sendo certamente esta a pretensão do Movimento; mas apresenta um questionamento relevante e uma opção plausível acerca de como podemos superar o sistema político-econômico em que vivemos.

Tal questionamento e a reflexão produzida repercutem na forma como cada indivíduo pode agir, praticar e ser; uma vulnerabilidade diferente, assumida acerca de nossas limitações, mas também uma coragem, uma autonomia, um autogoverno,

35 De acordo com Arendt: "A Terra é a própria quintessência da condição humana ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício. O mundo - artifício humano - separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos. ARENDT, Hannah. A Condição Humana, Ibid. 2007, p.10.

uma autogestão de si, de ser e de sentir o mundo e os outros; uma opção de vida que exige uma revolução de valores, de ressignificação de liberdade e objetivos de existência.

Segundo o MZ, pensar a natureza funcional da sociedade é realizar um esquema mecanicista; se o objetivo da sociedade humana for uma organização diferente com integridade e otimização, seria o projeto do MZ tornar possível um sistema social técnico em seu funcionamento, daí a ênfase nas possibilidades que podem ser abertas por uma revalorização da ciência e uma profunda transformação da consciência.

Apesar de historicamente não ter ocorrido nenhuma chance de mudança desta magnitude, o movimento ainda acredita na mudança para uma sociedade projetada com métodos industriais estratégicos, alinhamento ecológico, estabilidade social, preocupação com a saúde pública e sustentabilidade geracional.

2.1 – A ECONOMIA DE RECURSOS EM QUESTÃO

Para o Movimento *Zeitgeist*, o objetivo de uma EBRLN é “otimizar a eficiência técnica e criar o mais alto nível de abundância possível, dentro dos limites de sustentabilidade da Terra, buscando atender as necessidades humanas diretamente” (2014).

Deste modo, a *Economia Baseada em Recursos* (EBRLN), deve ser definida como “um sistema socioeconômico adaptável derivado ativamente das referências físicas diretas relacionadas às leis científicas que regem a natureza”³⁶.

36 De acordo com Hawking, Lei, no sentido científico, é uma regra com base em algum fenômeno que ocorra com regularidade observada. É uma generalização que vai além das nossas observações limitadas, que, sendo exaustivamente confrontada, testada e validada frente a um amplo e diverso conjunto de fatos, dá-lhes sempre sentido cronológico, lógico e causal, podendo fazer previsões testáveis para o futuro, e por tal recebe um título “honorífico” que a destaca entre as demais, o título de lei. HAWKING, Stephen W. “O Grande Projeto”, novas respostas para as questões definitivas da vida, Nova Fronteira. 2011. p.22.

As aplicações tecnológicas específicas, defende o MZ, somente provocarão uma transição quando a evolução dos conhecimentos científicos e suas aplicações tecnológicas emergentes forem levados em consideração. O modo de fazer essa transição deve se dar por uma revolução de valores.

Em uma EBRLN, o conhecimento, as formas de ação ou o planejamento não são monopolizados ou centralizados; ao contrário, neste sistema o modelo econômico se desenvolve a partir de um Sistema de Design Colaborativo (SDC). Este sistema é concebido a partir da interação com o público, por meio de sistemas de programação com linguagem acessível facilitada, com acesso livre, que permite constante interação e troca dinâmica de informações com o público para solucionar/ desenvolver qualquer necessidade referente à indústria, tanto no nível pessoal quanto no nível social.

Uma vez que esta concepção é central, o Movimento *Zeitgeist* descreve como funcionaria este sistema colaborativo da seguinte forma:

O software de mediação será manipulado por todos e ninguém. As regras concretas das leis da natureza, que se aplicam a sustentabilidade ambiental e eficiência de engenharia, são um quadro objetivo de referência. As nuances podem mudar até certo ponto, ao longo do tempo, mas os princípios gerais de eficiência e sustentabilidade permanecem, como eles têm sido deduzidos pela física básica, juntamente com vários milhares de anos de história registrada, pelo qual temos sido capazes de reconhecer padrões básicos, ainda que críticos, na natureza (JOSEPH, cap. 18, 2014).

Desta forma, o MZ ainda explica que este sistema interativo estará disponível em uma plataforma de código aberto para inspeção e crítica do público, sendo um sistema de inteligência chamado de mente coletiva, que tem como base o compartilhamento *open source*/acesso livre para possibilitar maior transparência e efetivação dos interesses públicos.

Assim, para a realização e início deste tipo de projeto de sistema econômico, será necessário desenvolver uma interface de design colaborativo (IDC), sendo formado um mercado de ideias e/ou projetos que se realizará a partir de uma interface *web online*.

2.2 – AS POSSIBILIDADES DE UMA ECONOMIA TRANSNACIONAL

De acordo com o Movimento *Zeitgeist*, para que o novo sistema socioeconômico (EBRLN) funcione, será necessária a eliminação total do atual modelo de governo representativo, pois compreende que gera escassez, competição e privilegia uma minoria dos membros da sociedade; em uma transição para uma democracia participativa, entendem como fundamental a eliminação de um Estado controlador de interesses privados escusos.

Uma possibilidade inicial para esse novo modelo político-econômico seria a partir de uma interface de design colaborativo - uma *open source* como apontado acima; porém, a complexidade para a realização deste tipo de mudança é latente, pois buscar uma mudança de proporções planetárias pode produzir alterações em todo um sistema de valores consolidado, com uma moral adquirida ao longo do tempo e em relação à própria luta por poder.

O MZ enxerga a materialização de um novo modelo socioeconômico acontecendo com o consenso necessário da população. O seu próprio entendimento, juntamente com as “pressões biossociais” que ocorrem enquanto o sistema atual piora, são a base de influência. A lógica não suporta a disposição “ditatorial”, porque essa abordagem, além de ser desumana, não iria funcionar. Para que esse sistema funcione, ele precisa ser aceito sem coerção estatal ativa. Portanto, é uma questão de investigação, educação e ampla aceitação pessoal pela comunidade. Na verdade, as próprias particularidades da interação social e estilo de vida realmente exigem uma grande aceitação dos mecanismos e valores do sistema (JOSEPH, cap. 12, 2014).

Diante disso, o Movimento *Zeitgeist* faz seu trabalho de ativismo e exerce pressão de modo que, através da educação e projetos de grupos de reflexão “*think tanks*”, demonstra ao mundo como e por que pode ocorrer essa transição de sistema.

O levantamento mais atual feito pelo MZ acerca das últimas invenções da ciência, aquilo que está mais avançado em tecnologia nas áreas de robótica para área da saúde, da agricultura, evidencia o poder da informação/divulgação/conhecimento, pois este material faz parte da divulgação do movimento em seu site, blogs e redes sociais.

Estes apontamentos pretendem corroborar a tese do movimento sobre a possibilidade de implementar uma economia global, conectada e sustentável.

Possíveis exemplos poderiam ser as energias renováveis, como a solar, das marés, eólica, geotérmica; outro exemplo poderia ser relacionado ao setor da tecnologia de automação que potencialmente ganharia com o avanço uma revolução na robótica modular e nanotecnologia, a provar quão ultrapassados e mal-intencionados estão os métodos de produção industrial atual que ainda utilizam combustíveis fósseis, recursos escassos e altamente poluidores.

Desta forma, a possibilidade de uma economia transnacional se dará por uma economia baseada em recursos e leis naturais (EBRLN), visto que ela tem uma estrutura global na forma como processa a informação econômica e avalia possibilidades de resultados.

Ainda de acordo com o MZ, no sistema industrial de interface de design colaborativo, “todos os projetos apresentados, em criação ou considerados completos, são armazenados, para pesquisa, em um banco de dados de acesso aberto. Este banco de dados torna todos os projetos disponíveis para outros usarem ou construírem em cima” (2014).

O MZ sugere, então, o padrão de eficiência geral para o funcionamento otimizado deste sistema: a) Durabilidade Estrategicamente Maximizada; b) Adaptabilidade Estrategicamente Maximizada; c) Padronização Estratégica de Componentes, por Gênero de Produtos; d) Indução Estrategicamente Integrada para Reciclagem; e) Indução Estratégica para Automação do Trabalho.

Este encadeamento de um processo de produção sustentável, apresentado pelo MZ, visa maximizar a estabilidade e potencial da economia para determinada produção e demonstra a complexidade para se realizar na prática esse projeto, já que se configura um sistema de produção por demanda, podendo atender apenas um indivíduo e produzir o bem que ele deseja ou bens para toda uma população de determinada cidade.

De acordo com essa visão de gestão econômica de recursos para diversas áreas, o MZ tem por objetivo buscar garantir o funcionamento social de acordo com

os princípios de sustentabilidade, pois necessita ser operado de acordo com a longevidade geracional e, para tanto, é essencial a máxima atenção em produzir os bens estrategicamente prioritários.

Desta forma, o MZ pretende eliminar as possibilidades de corrupção e comportamentos corruptos, abusos e conivência entre negócios e governo, garantindo não apenas a sobrevivência humana, mas também a estabilidade social, o bem-estar e as condições superiores de saúde pública.

Indaga-se, entretanto, se tais mudanças, defendidas pelo MZ comportariam um alicerce capaz de fornecer os parâmetros para sua efetivação. Uma vez que sua proposta para a superação do sistema político-econômico está alicerçada em uma profunda “mudança de pensamento”, questiona-se, assim, o que seria essa mudança.

No documentário do movimento, Krishnamurti é citado para corroborar a reflexão sobre a mudança de pensamento, o espírito desta época, suas implicações, a necessidade da busca por mudança de consciência e de valores.

A fim de analisar tal objetivo, toma-se como fundamento o autor Jiddu Krishnamurti com as obras *Reflexões sobre a Vida* e *Comentários sobre o Viver*. Krishnamurti aponta que a violência é exercida por nós desde quando nos identificamos por etnia, raça, cor ou credo, como indiano ou muçulmano, cristão ou europeu; quando não compreendemos que somos todos seres humanos e compartilhamos o mesmo planeta; ao nos identificarmos de outra forma, estamos nos separando e esta separação gera violência.

Em relação à busca incansável pelo poder “enquanto a estrutura da sociedade estiver baseada na necessidade e utilização mútuas, a sociedade não poderá deixar de ser violenta e destrutiva” (KRISHNAMURTI, 1963, p. 80). Para erradicar tudo isso o autor coloca a necessidade de “não ser ambicioso, ávido de poder, de nome, posição; sendo o que sois, sendo simples, sendo ninguém. O pensar negativo é o supremo grau da inteligência” (KRISHNAMURTI, 1963, p. 82).

Desta forma, aponta que o caminho para uma mudança de consciência, mudança social só acontecerá com os homens em condição de felicidade: “só um homem feliz pode criar uma nova ordem social”. (KRISHNAMURTI, 1963, p. 83).

A respeito da revolução com o objetivo de igualdade na sociedade, o autor se mostra cético quanto à substituição de ideologias de grupos que controlam a economia e o estado e da busca de que todos pensem igual. Para ele, isso só gerará mais antagonismo; a verdadeira revolução seria através do amor, sem crenças, sem líder, sem a ideia, somente o amor como ação efetiva criadora e constante.

Krishnamurti expõe a necessidade de se conhecer, conhecer o próprio eu, de se ter flexibilidade perante a vida, não estar apenas focado no trabalho, na técnica pois esta é apenas uma das partes da vida. Seria preciso estar aberto como pai e como educador para o conhecimento daquilo que ainda é desconhecido; manter aquela curiosidade vista e vivida na mais tenra infância, pois somente assim todos poderão ter acesso à felicidade.

Krishnamurti é, então, um autor central para a defesa do que o MZ defende como mudança de consciência em relação ao mundo. Sua obra almeja apontar as possibilidades abertas por uma mudança de consciência, uma revolução de valores nos dias de hoje, assim como a efetiva mudança na vida prática e cotidiana e também pensar em como se aplica esse espírito de uma época como nos apresenta e se representa, no campo das ideias e na vida.

Nesta busca, o movimento *Zeitgeist* tem como objetivo primordial uma mudança de valores na consciência, destinada a alterar os rumos do século XXI. Para tanto, seria preciso uma revolução em cada lar, em cada mente, levada pela felicidade pela sede de liberdade, a superar e deixar de lado o sistema político-econômico vigente, e dar início a uma vida colaborativa/participativa.

Um outro pensador que ocupa um lugar de destaque no documentário do Movimento *Zeitgeist* é Thomas Paine. Paine que a partir de seus escritos e atos, demonstrou estar conectado com o espírito de sua época, entre século XVIII e XIX, com destaque para a Revolução Americana e Francesa. Com seus escritos, Paine teve grande impacto quanto à mudança de valores e consciência de sua época,

sendo a escrita sua arma mais potente. Demonstra, assim, a importância e urgência em fazer parte de um processo de mudança histórica, estar ligado a ele e percebê-lo, para que se tenha ações e reações efetivas na prática cotidiana de um indivíduo e de uma sociedade.

Thomas Paine (1737-1809) é aqui compreendido a partir de duas obras. A primeira obra tem como título: *Senso comum*, texto no qual, quando ninguém ousava questionar o poder da monarquia, desperta/incita a população das colônias americanas a se unirem contra a dominação britânica e assim dar início à Guerra da Independência dos Estados Unidos (1775-1783), no século XVIII. Paine foi, assim, um dos primeiros defensores da democracia, do liberalismo e construção de uma sociedade igualitária.

O pensador e panfletário em 1776 na Revolução Americana escreveu sobre a urgência e grande importância da América se libertar do domínio colonial da Inglaterra. Envia através do jornal da Filadélfia panfletos para todas as colônias. E afirma: “O governo é necessário devido à incapacidade da virtude moral e a finalidade do governo é a liberdade e segurança” (PAINE, 1982, p. 33).

A segunda obra, *Os direitos do homem*, foi um manifesto republicano democrático publicado em duas partes (1791-1792). Nessa obra, Paine (1794) observa uma sociedade igualitária fundamentada nos direitos naturais do cidadão. As detalhadas propostas de como o governo poderia dar assistência aos pobres inspiram as gerações pós-Revolução Francesa.

Trata-se de mais uma luta de Paine pela liberdade, na França de 1789, usando a escrita mais uma vez como arma em busca da liberdade dos países. Segundo Paine, a revolução aboliu a intolerância e estabeleceu a tolerância como o direito universal de consciência, que desvincula a religião do estado e possibilita cada um professar sua fé, tendo liberdade religiosa.

A declaração de direitos do homem escrita na assembleia nacional francesa, tem como base seus três primeiros artigos, que são a base para a liberdade individual e nacional. Nenhum país pode ser chamado de livre se seu governo não parte dos princípios que eles contêm e continue a preservá-los puros. Toda declaração dos direitos é de mais valor para o mundo e fará mais bem do que todas as leis e estatutos que jamais foram promulgados (PAINE, 1988, p. 95).

Paine salienta ainda a importância dos soldados franceses que lutaram na América e seu retorno à França levando a causa da liberdade na bagagem; com o conhecimento prático alinhado, a teoria ajuda a espalhar rapidamente a causa da liberdade por todo território francês.

Com sua análise e experiência sobre as guerras no século XVIII, Paine comenta: “A guerra gera receita para os governos, é o pretexto para os governos criarem impostos, empregos e cargos” (PAINE, 1988, p. 122) e completa:

Como a guerra é o sistema de governo do tipo antigo, a animosidade que as nações mantêm entre si não é nada mais do que a política que seus governos estimulam para conservar o espírito do sistema. Cada governo acusa o outro de perfídia, intriga e ambição como um veio para excitar a imaginação de suas respectivas nações e inflamá-las a hostilidades, O homem não é o inimigo do homem a não ser por um falso sistema de governo. Em vez, portanto, de gritar contra a ambição dos reis, o grito deveria ser dirigido contra o princípio de tais governos, e, em vez de procurar reformar o indivíduo, a sabedoria de uma nação deveria se dedicar a reformar o sistema. (PAINE, 1988, p. 122)

Paine torna-se, deste modo, um exemplo prático na luta por liberdade não poupando esforços tanto na libertação da América quanto na Revolução Francesa, dedicou a vida a escrever no calor dos conflitos sobre a libertação dos países de governos tirânicos, tendo representatividade neste trabalho por aproximar, lutar e ter objetivos comuns, já que a busca por liberdade continua no século XXI, sobre outros moldes, mas persiste assim como a conscientização em massa.

Observa-se, portanto, que os autores Thomas Paine, Jiddu, Krishnamurti entre outros que foram citados nos documentários e expostos ao longo do trabalho, mostram um alicerce teórico que fundamenta a interpretação do mundo pelo Movimento Zeitgeist e que justifica suas propostas. Tais propostas não operam no vazio teórico e em um vácuo histórico. As citações que aparecem nos documentários não estão lá por acaso, mas estão atreladas de tal maneira que criam um referencial importante para a sua compreensão.

No próximo capítulo persiste-se a análise crítica das possíveis relações teóricas do Movimento Zeitgeist, submetendo as principais ideias do movimento a uma comparação com teorias do liberalismo e utilitarismo de John Stuart Mill, encontrando possíveis pontes diante dos conceitos defendidos pelo autor assim como pontos dissonantes.

3 – Liberalismo e Utilitarismo

Pretende-se, neste capítulo, apresentar e analisar as aproximações e distanciamentos entre o pensamento liberal de John Stuart Mill e alguns dos ideais propostos pelo Movimento *Zeitgeist*. A inquietação que leva a refletir a respeito disso nasce do modo como o movimento indica que suas propostas acontecerão, ou seja, naquilo que constitui o cerne destas ideias. O liberalismo de Mill será, assim, uma espécie de teste teórico e prático para as propostas do MZ.

O MZ propõe uma transformação social através da mudança de consciência individual, e esta deve ser compreendida como exercício de liberdade que envolve pensamento, consciência e escolha em relação à sociedade, ou melhor, ao *modus operandi* do local onde vive.

John Stuart Mill nasceu na Inglaterra no século XIX e teve uma educação rígida e singular desde muito cedo; tutelado por seu pai, James Mille por Jeremy Bentham (1748-1832), Mill começou a escrever bem jovem e com dezoito anos já tinha domínio dos autores clássicos gregos e latinos, Matemática, História e Lógica.

Iniciou sua carreira trabalhando na *East India Company*, na qual o pai trabalhou e em 1835 funda o jornal *London Review*, com o objetivo de reforma do regime representativo do governo. Em 1865, é eleito para a Câmara dos Comuns. Manteve contato com os filósofos Tocqueville³⁷ e Comte³⁸. A influência das ideias democráticas e positivistas marcaram sua obra, ficando conhecido como empirista e utilitarista³⁹, doutrina ética que tem em Bentham seu fundador e em Mill um forte defensor e reformulador. Neste sentido, Mill aperfeiçoou o utilitarismo, introduzindo temas que são, ainda hoje, discutidos e debatidos. Dentre esses temas destaca-se

37 Alexis de Tocqueville (1805-1859) foi um pensador político e estadista francês. Foi considerado um dos grandes teóricos sobre a democracia americana, tendo investigado sobre a natureza da própria democracia, suas vantagens e perigos. Sua obra mais conhecida é *A democracia na América*.

38 Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês destacado. Considerado o fundador do positivismo, corrente que propõe uma nova organização social, é também considerado o fundador da Sociologia. Dentre suas inúmeras obras pode-se assinalar uma das mais importantes para o positivismo, *Curso de filosofia positiva*.

39 Esse conceito será explicado mais à frente nesse capítulo.

sua aposta na liberdade, ideal capaz de transformar de maneira suficientemente importante o horizonte da vida coletiva e individual.

3.1- Os aportes do Liberalismo

O conceito de liberdade analisado por Mill (2000) é um tema recorrente aqui discutido, pois em pleno século XXI a liberdade ainda carece de respeito, de justiça, de garantias e de um modelo educacional que a embase, de tal modo que não possa padecer, que não possa ser colocada de lado, relativizada, menosprezada ou comprada. Vê-se como exemplo extremamente atual a disputa por territórios, recursos naturais e zonas de influência política das superpotências mundiais, como os Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, entre outros, que insistem em ignorar a liberdade humana, todos os direitos garantidos em leis e constituições.

Mill (2000) explora profundamente o conceito de liberdade, focalizando a liberdade individual como essencial para as intervenções da sociedade, caracterizando-a como antídoto⁴⁰ contra a sociedade e o estado: contra os modelos econômicos e políticos que são impostos por governos, principalmente pelas potências que impõe aos mais diversos países, restrições e conflitos. Desse modo, as regras de conduta, moral e virtude estão intrinsecamente ligadas ao cunho de seu conceito. De acordo com o autor:

Essa, portanto, a região apropriada da liberdade humana. Abarca, primeiramente, o foro íntimo, exigindo liberdade de consciência no sentido mais amplo da palavra: liberdade de pensamento e de sentimento, absoluta independência de opinião e de sentimento em todos os assuntos, práticos ou especulativos, científicos, morais ou teológicos (MILL, 2000, p. 21).

40 Antídoto, aqui, expressando toda forma de combate em busca da liberdade contra todo tipo de governo tirano.

A liberdade exercida de modo justo e decente em sua plenitude necessita de proteção, conservação e independência para com a liberdade do indivíduo. Assim,

O princípio exige liberdade de gostos e atividades; de formular um plano de nossa vida que esteja de acordo com nossas características; de fazer o que desejamos, sujeitando-nos as consequências que puderem advir, sem nenhum impedimento de nossos semelhantes, enquanto o que fizermos não os prejudicar, mesmo se julgarem nossa conduta tola, perversa ou errada. (...) dessa liberdade de cada indivíduo se segue a liberdade, dentro dos mesmos limites, de associação entre os indivíduos: liberdade de se unir para qualquer propósito que não envolva dano a outros, supondo-se que as pessoas assim associadas atingiram a maioria e não foram forçadas a isso (MILL, 2000, p. 21).

O objetivo final da elaboração deste conceito está associado diretamente à busca da maior felicidade possível⁴¹ e/ou a possível ausência de dor.

Para elucidar a construção do conceito de liberdade, Mill (2000) parte de um contexto histórico, desde a Grécia antiga, Roma antiga e Inglaterra⁴², seu país de origem, sendo a luta entre liberdade e autoridade uma constante, assim como a dicotomia entre a liberdade coletiva e a liberdade individual.

Mill define a liberdade social como “a natureza e os limites do poder que a sociedade pode legitimamente exercer sobre o indivíduo” (MILL, 2000, p. 5). A liberdade é, por ele concebida, como “a proteção contra a tirania dos dirigentes políticos” (MILL, 2000, p. 6). Desse modo, “o escopo dos patriotas era fixar limites ao poder que se permitiria ao dirigente exercer sobre a comunidade, e tal limitação era o que entendiam por liberdade” (MILL, 2000, p. 6).

O autor elenca duas experiências iniciais através dos direitos políticos e dos controles constitucionais para expressar como o dirigente de uma comunidade/sociedade deve ter limites estabelecidos para conduzir e intervir na vida de cada indivíduo⁴³

41 Felicidade: o conceito e objetivo serão explorados mais adiante.

42 Os países citados são os locais de referência para Mill e se justificam pelo tratamento que deram os filósofos clássicos ao tema da liberdade.

43 De acordo com Gimenes, para Mill, o indivíduo deve ser totalmente livre em sua consciência, ou seja, ele deve possuir total soberania sobre si mesmo, e nenhuma instância (Estado, escola, religião)

Primeiro obtendo reconhecimento de certas imunidades, denominadas direitos políticos que o dirigente não poderia violar sem faltar com o seu dever (...) o segundo “consistiu no estabelecimento de controles constitucionais mediante os quais se tornou condição necessária para alguns dos mais importantes atos do poder governante o consentimento da comunidade, ou de um corpo de qualquer espécie que se supunha representar-lhes os interesses (MILL, 2000, p. 6).

Desta forma, o autor segue sua análise com um divisor de águas; a Revolução Francesa, que se espalha pelo mundo como um rastro de pólvora, remodelando e moldando os sentidos de liberdade e o papel do povo neste novo modelo de sociedade. Para Mill,

O “povo” que exercer o poder nem sempre é o mesmo povo sobre quem o poder é exercido, e o “autogoverno” de que se fala não é o poder de cada um por si mesmo, mas o de cada um por todos os outros. Além disso, a vontade do povo significa em sentido prático, a vontade da parte mais numerosa ou mais ativa do povo, a maioria, ou os que logram se fazer aceitos como a maioria. (MILL, 2000, p. 9)

Em uma república democrática, de modelo democrático, deveria prevalecer o sentimento de que a maioria, o povo, teria o poder e assim ele faria a melhor escolha, isto é, a mais assertiva em relação ao todo e em detrimento da minoria. Mas este modelo acaba por gerar conflitos, segundo Mill (2000), no âmbito da vida privada.

De acordo com sua análise, há uma ligação entre o modelo democrático e sua influência na vida privada, na liberdade individual e em seus limites:

A sociedade pode executar e executa, seus próprios mandatos, e se expede mandatos equivocados no lugar dos corretos, ou quaisquer mandatos a respeito de coisas nas quais não deveria interferir, pratica uma tirania social mais temível do que muitas espécies de opressão política, uma vez que, muito embora nem sempre venha sustentada por penalidades extremas, penetra mais profundamente nos detalhes da vida, escraviza a própria alma, deixando poucas vias de fuga (MILL, 2000, p. 10).

deve interferir na livre consciência do cidadão. Outro direito do cidadão é ser diferente dos demais; consagrando-se aqui a importância da livre opinião e da individualidade. GIMENES, Márcio de Paula. O Estado o Indivíduo: o Conceito de Liberdade em J.S.Mill. Polymatheia. Fortaleza. vol III 2007.

Segundo ele, o conflito democrático da liberdade coletiva e individual está na “questão prática sobre onde colocar o limite, como proceder ao adequado ajustamento entre a independência individual e o controle social (...). Tudo o que torna a existência valiosa para qualquer um depende da aplicação de restrições às ações de outros” (MILL, 2000, p. 11), pois a sociedade enquanto um corpo populacional, uma maioria, é quem toma uma decisão que define e pode influenciar no foro individual que envolve os rumos da vida de uma pessoa.

Assim, Mill toca um ponto crucial para a compreensão da liberdade e seus limites; a moral, que coloca muitos dos limites entre a independência individual e o controle social, influencia e é influenciada por todas essas forças, políticas, morais, religiosas e econômicas. A moral passa, deste modo e inevitavelmente, por todos os âmbitos da vida de um ser humano; conforme o próprio Mill,

a moralidade entre espartanos e ilotas, colonizadores e negros, príncipes e súditos, nobres e arrendatários, homens e mulheres, é em grande parte criada por esses interesses e sentimentos de classe. Os sentimentos assim gerados giram em torno das sensações morais dos membros da classe ascendente, nas relações entre si (MILL, 2000, p. 13).

As regras de conduta na sociedade são compostas por ideais a que Mill reserva especial atenção, já que está estritamente relacionado com a moral e estas regras sempre são impostas pelas leis ou por determinado grupo social mais poderoso, como os políticos, os religiosos, entre outros, sendo assim uma debilidade comportamental a total obediência e o não questionamento às regras de conduta e moral estabelecidas; Mill vê com preocupação o “servilismo da humanidade em relação às supostas preferências ou aversões de seus senhores temporais ou de seus deuses” (MILL, 2000, p. 13).

Elenca o autor as bases para a liberdade individual em relação com a sociedade, sendo a moral tradicional aquela força capaz de impedir a elaboração de uma esfera de proteção ao indivíduo. Mill esclarece a ideia afirmando que

As preferências ou aversões da sociedade, ou de alguma parte poderosa dela, são, portanto, o principal fator que determinou, na prática, as regras estabelecidas para a observação geral, sob as penalidades da lei ou opinião. Assim, é nesse campo de batalha, e quase só nele, que se asseguraram os direitos do indivíduo contra a sociedade em largas bases de princípios, além de se contrariar abertamente a reivindicação da sociedade a exercer autoridade sobre os dissidentes (MILL, 2000, p. 15).

Cabe salientar que Mill observou atentamente o papel da moral e a força da moral religiosa e indicou como seus princípios podem aprisionar e se tornar nocivo na interferência da vida privada, uma vez que a

repressão moral vêm se exercendo de forma mais tenaz contra a divergência em relação à opinião reinante nos próprios interesses, do que mesmo nas questões sociais; a religião, o mais poderoso dos elementos que compõem o sentimento moral, quase sempre tem sido governada ou pela ambição de uma hierarquia que busca controlar todo o departamento da conduta humana, ou pelo espírito do Puritanismo (MILL, 2000, p. 23).

De acordo com Mill (2000), para sustentar a ideia da liberdade individual em relação à vida em sociedade deve-se utilizar um princípio simples que possa governar essas relações. O princípio da autoproteção que “constitui a única finalidade pela qual se garante à humanidade, individual ou coletivamente, interferir na liberdade de ação de qualquer um” (MILL, 2000, p. 17) deve garantir a proteção do indivíduo no que diz respeito à compulsão e ao controle, quer os meios empregados sejam os da força física sob a forma de penalidade legais, quer sejam da coerção moral da opinião pública.

Ao aprofundar a análise do conceito de liberdade, primando pela defesa e primazia do indivíduo na relação com a sociedade, Mill observou a desigualdade gerada pela relação na qual a sociedade priva o indivíduo de sua liberdade individual, impedindo o pleno desenvolvimento do indivíduo. Essa desigualdade intimida o indivíduo a exercer e viver cotidianamente sua liberdade. Assim,

Nenhuma sociedade é livre se não se respeitam, em conjunto, essas liberdades, seja qual for sua forma de governo; e nenhuma sociedade é completamente livre se tais liberdades não existirem em caráter absoluto e sem reservas. A única liberdade merecedora de nome é a de buscar o nosso próprio bem da maneira que nos seja conveniente, contanto que não tentemos privar outros do que lhes convém, ou impedir seus esforços de obtê-lo. Cada um é o guardião adequado de sua própria saúde, seja física, mental ou espiritual. A humanidade ganha mais tolerando que cada um viva conforme o que lhe parece bom do que compelindo cada um a viver conforme pareça bom ao restante (MILL, 2000, p. 22).

Ainda de acordo com Mill, uma das características essenciais da liberdade individual pode ser compreendida pela mais ampla liberdade de expressão. Exercer essa liberdade é fundamental para que cada ser humano possa viver plenamente.

Mas, reprimida socialmente pela experiência da maioria das doutrinas éticas e das crenças religiosas, a liberdade de expressão/opinião, fica diluída, sendo controlada e disseminada por monopólios do conhecimento, como por exemplo, os meios de comunicação (televisão, rádio), as religiões, os partidos políticos e o governo.

Entretanto, se o modo de operar nocivo da ausência de livre discussão, quando as opiniões recebidas são verdadeiras, se limitasse a deixar os homens na ignorância dos fundamentos dessas opiniões, poderíamos considerar esse mal, se é intelectual, não é moral, e não afeta a validade das opiniões quanto a sua influência sobre o caráter. O fato, porém, é que na ausência de discussão se esquecem não apenas os fundamentos das opiniões, como ainda, frequentemente, o significado da própria opinião. As palavras que a exprimem cessam de sugerir ideias, ou sugerem somente uma pequena parcela das que foram originalmente empregadas para comunicá-las. Em lugar de uma vigorosa concepção e de uma crença vivaz, restam tão só umas poucas frases retidas mecanicamente; ou, quando se trata de qualquer porção de ideias, retêm-se unicamente a casca e o invólucro do significado, perdendo-se a essência mais pura. Nunca será demasiado estudar e mediar intensamente o grande capítulo que esse fato ocupa e preenche da história humana (MILL, 2000, p. 61).

Mill argumenta que a moral religiosa é uma grande força que influencia os seres humanos. A moral religiosa, mais especificamente a moral cristã, mostra sua força e seu poder de influência na conduta humana através da manipulação da liberdade de opinião/expressão e pensamento. Seu argumento demonstra como a doutrina cristã pode se tornar a única fonte de verdade, isto é, a única capaz de decidir sobre os indivíduos ou uma sociedade. Tomada como única fonte de verdade, a doutrina cristã com seus princípios tende a aprisionar, pois no cristianismo

(...) o cristão reporta-se ao costume de sua nação, sua classe ou religião professada (...), por um lado possui um conjunto de máximas morais que crê para governar-se e por outro um conjunto de juízos e práticas cotidianos que concordam com algumas máximas e estabelecem um compromisso entre o credo cristão e os interesses e sugestões da vida mundana. Ao primeiro desses padrões presta suas homenagens; aos outros; sua verdadeira fidelidade (MILL, 2000, p. 64).

Mas observa-se que a moral estabelecida através da religião cristã cria bases para uma vivência, uma doutrina tomada como uma única verdade, que se solidifica com o tempo e com o aumento de fiéis, que se sentem parte de algo maior. Desse modo, essas verdades assumem tal condução na vida do indivíduo que se encaminham de tal maneira que sua liberdade de expressão/opinião no

grupo/comunidade não necessita de contestação, por meio da obediência cega, do sentimento de realização, de acolhimento e do sentimento de “progresso”, entendendo de que a vida se encaminha dentro de um plano maior, guiado e protegido.

Liberdade de expressão, para Mill, quer dizer que cada ser humano deve ter condições para conhecer e questionar as verdades preestabelecidas. O que tem ocorrido historicamente e ainda ocorre parece indicar o contrário de uma defesa da liberdade, pois

A medida que a humanidade se aperfeiçoa, o número de doutrinas que não mais se discutem ou das quais não se duvida aumenta constantemente, e o bem-estar da humanidade quase se mede pelo número e pela gravidade das verdades que se tornaram incontestáveis (MILL, 2000, p. 68).

Para Mill, a moralidade cristã é incompleta e unilateral e se configura numa reação enérgica ao paganismo e a outras formas de espiritualidade e tem um peso enorme na sua forma de professar a fé para seus fiéis, já que o mecanismo utilizado é o da obediência. Essa obediência visa cooptar a principal forma de liberdade individual que é a liberdade de expressão e pensamento:

A moralidade cristã possui todas as características de uma reação; é, em grande parte, um protesto contra o paganismo. Seu ideal é mais negativo que positivo; mais passivo que ativo; prefere a Inocência à nobreza; a abstinência do Mal à enérgica busca do bem; em seus preceitos, conforme já disseram muito bem, o “não farás” predomina indevidamente sobre o “farás”. (...) faz o possível para conferir à moralidade humana um caráter essencialmente egoísta, dissociando os sentimentos que cada homem possui do dever dos interesses de seus semelhantes exceto na medida em que se oferece a ele um induzimento auto-interessado para consultá-los. É essencialmente uma doutrina da obediência passiva: inculca submissão a todas as autoridades já estabelecidas, que de fato não devem ser ativamente obedecidas quando ordenam algo que a religião proíba, mas a quem não se deve opor resistência, muito menos rebelião, por mais mal que nos façam (MILL, 2000, p. 76).

Com isso aponta-se com Mill para o desenvolvimento da construção das formas de liberdade, da importância que a liberdade individual pode alcançar, do

valor que ela possui e o quão importante ela é. Assim, a moral tem valor substancial na formação do ser humano em sociedade e em sua individualidade. Depois das críticas às formas tradicionais de se compreender a moralidade e sua influência na vida, Mill afirma que apesar da forte influência da moral religiosa, o homem não pode ser considerado apenas isso, isto é, não pode ser simplesmente formatado como uma máquina. Cada ser humano tem seus desejos, suas iniciativas, suas ideias e pode fazê-las florescer, uma vez que

(...) na moralidade da vida privada, tudo quanto existe de magnanimidade, generosidade, dignidade pessoal, até senso de honra, deriva da parte de nossa educação puramente humana, não da religiosa, e jamais poderia originar-se de um padrão ético no qual o único valor, confessadamente reconhecido, é o de obediência (MILL, 2000, p. 77).

A natureza humana não é uma máquina que se construa segundo um modelo e que se regule para executar precisamente o trabalho para o qual foi designada. É antes uma árvore, que precisa crescer e desenvolver-se de todos os lados, de acordo com a tendência das forças internas que a tornam algo vivo (MILL, 2000, p. 91).

Ainda segundo Mill, no Ocidente a individualidade está comprometida e a natureza humana carece de espaço, estando subjugada pela sociedade no modo como foi convencionado viver em grandes grupos conglomerados, numa civilização. Para o Ocidente, a ideia de civilização tomou uma forma importante conduzindo à dominação/colonização de outros territórios, com este ideal de civilização baseado no modelo de sociedade e de progresso.

Assim, este modelo de sociedade aplicou as preferências pessoais dos chamados cidadãos e criou uma nuvem de desconfiança e medo nas diversas classes que a compõe, sentimento este que se configura numa hostil desconfiança e terrível censura, minando os sentimentos e sonhos dos indivíduos e tornando a sociedade medíocre sem a individualidade. Segundo Mill,

Em toda parte o despotismo do costume é o obstáculo permanente para o avanço humano, conservando-se em incessante antagonismo com essa disposição a visar a algo melhor do que o costumeiro, a que se chama, de acordo com as circunstâncias, de espírito de liberdade, ou de progresso ou aperfeiçoamento. O espírito de progresso nem sempre é um espírito de liberdade, pois pode pretender impor os progressos a um povo que não os deseja. Por sua vez, o espírito de liberdade, quando resiste a tais investidas, pode se aliar local e temporariamente aos opositores do progresso. No entanto, a única força permanente e infalível de progresso é a

liberdade, uma vez que graças a ela surgem tantos centros independentes de aperfeiçoamento quantos forem os indivíduos (MILL, 2000, p.107).

O espírito de liberdade deve ser uma luta constante, com manutenção e preservação, pois é uma resistência ao despotismo do costume e ao chamado progresso moral. Este sentimento pode desenvolver benefícios duradouros para uma sociedade que traga consigo o desenvolvimento de humanos mais capacitados para colaborações recíprocas e ativas, não apenas nas necessidades básicas de sobrevivência, mas de vivência com os outros e consigo mesmo. Desse modo, aprender a lidar com as diferenças entre os seres humanos é fundamental, pois a humanidade “se torna incapaz de conceber a diversidade, quando durante algum tempo se desacostuma de vê-la” (MIL, 2000, p. 113).

Para Mill, o desenvolvimento de um ambiente de liberdade de pensamento e expressão (de pensar e elaborar mundos diferentes e possíveis) haverá de apontar os rumos para a humanidade, uma vez que a

diversidade deve ser condição fundamental para um governante tendo como premissa a capacidade de abarcar diferentes modos de pensamento e condução de vida tendo como limite o olhar ao outro ser humano. Pois não é possível expressar-se livremente aquele que não garante o mesmo direito a todos (2000, p. 13).

3.2- As propostas utilitaristas

Há uma teoria ética adotada por Mill para sustentar e dar forma ao conceito de liberdade coletiva e liberdade individual. O conceito forjado por Bentham⁴⁴ diz respeito a uma doutrina ética, o utilitarismo, conceito posteriormente desenvolvido

44 Jeremy Bentham, nascido em Londres (1748-1832) foi filósofo, jurista e um dos últimos iluministas a propor a construção de um sistema de filosofia moral, não apenas formal e especulativa, mas com a preocupação radical de alcançar uma solução a prática exercida pela sociedade de sua época. As propostas têm, portanto, caráter filosófico, reformador e sistemático. Foi tradicionalmente considerado como o fundador do utilitarismo, teoria ética normativa que tem como meta responder todas as questões de um modelo de vida boa em termos da maximização da utilidade e/ou felicidade/prazer. Ou seja, para ele, as ações devem ser analisadas diretamente em função da tendência de aumentar ou reduzir a felicidade das partes afetadas pela ação a ser adotada.

por John Stuart Mill em sua obra *Utilitarismo*. Este desenvolve a relação entre liberdade e utilitarismo com o objetivo de mostrar um caminho que seria a solução última para os problemas da vida (problemas práticos), tendo como regra principal a promoção da felicidade, tanto do indivíduo quanto da sociedade. Consequentemente,

Embora a inexistência de um primeiro princípio admitido tenha tornado a ética não tanto o guia, mas a consagração dos verdadeiros sentimentos dos homens, ainda assim, como os sentimentos dos homens, favoráveis ou desfavoráveis, são bastante influenciados pelos supostos efeitos das coisas sobre sua felicidade, o princípio da utilidade, ou como mais tarde Bentham o denominou, o princípio da maior felicidade, teve um grande papel na formação das doutrinas morais, mesmo das que com mais desdém rejeitam sua autoridade (MILL, 2000, p. 181).

Esse princípio (da felicidade ou princípio da utilidade) possibilita determinar o pensamento e as ações das pessoas, tornando-se uma regra de conduta ética, basilar em sua essência, já que consiste na busca da felicidade e prazer como finalidade para o indivíduo e para o coletivo. O utilitarismo é, deste modo, uma teoria sobre como deve ser nossa visão de mundo e de vida e que se propõe como regra a ser adotada de modo universal, isto é, propõe uma conduta para toda a humanidade:

Desde Epicuro até Bentham, todos os partidários da teoria da utilidade designaram para o termo (...) o prazer em si mesmo, bem como a ausência de dor; e, em vez de opor o útil ao agradável ou belo, sempre declararam que o termo designava precisamente estas coisas, entre outras (MILL, 2000, p. 185).

De acordo com Mill, tão fundamental, essencial e simples, o princípio da felicidade, a busca da felicidade, não foi a busca da humanidade⁴⁵, tanto no século XIX, quando foi escrita a obra *Utilitarismo*⁴⁶ quanto anteriormente. O autor considera que a luta por poder e controle certamente é a marca da humanidade em milhares

45 Humanidade é aqui pensada como o ser humano enquanto *homo sapiens*, espécie dotada universalmente de características comuns, isto é, o raciocínio lógico/reflexivo.

46 De acordo com Mill, as ações são boas quando tendem a promover a felicidade e más quando tendem a promover o oposto da felicidade. Assim, o princípio da utilidade poderia ser aplicado a questões concretas – sistema político, legislação, justiça, política econômica, liberdade sexual, emancipação feminina, etc. MILL, John Stuart. *A Liberdade/Utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

de anos. Os momentos de felicidade são esporádicos e obscuros na história humana e são raros os instantes em que o homem pautou suas ações baseadas na felicidade e no prazer individual.

Mill indaga como a busca pela felicidade poderia se tornar um objetivo para a humanidade e a busca por prazer individual uma meta. Assim, o autor se debruçou sobre essa tarefa para criar um modo de tornar uma doutrina essencial e que abarcasse a noção de felicidade, dando sentido para uma vida plena:

O credo que aceita a utilidade ou o princípio da maior felicidade como a fundação da moral sustenta que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade se entende prazer e ausência de dor; por infelicidade, dor e a privação do prazer (MILL, 2000, p. 187).

Deste modo, a noção de utilitarismo empregada por Mill não se resume na tradução rasteira de servir para algo, de compor uma função ou de instrumentar as pessoas para um determinado fim. Ele aprofunda as teses centrais do utilitarismo quando o torna um credo, ou seja, um modo de operar na própria vida, sendo um dever consciente e moral de buscar e lutar pela felicidade e, conseqüentemente, pela busca do prazer e ausência de dor. Note-se que esta visão não é compatível com uma defesa do egoísmo ou da busca do prazer individual, única e exclusivamente. O utilitarismo não estaria, assim, comprometido com a defesa da satisfação de prazeres egoístas, independente do prazer dos demais envolvidos.

Para desenvolver a perspectiva utilitarista no modo de avaliar e agir, Mill demonstra que teria de haver uma mudança de mentalidade na sociedade. Somente uma mudança de valores poderia reverter tal condição humana, que está em diversas partes do mundo com necessidades extremamente distintas, buscando formas de sobrevivência.

Interpretamos tal perspectiva como um ideal realizável, com forte acento em um ideal para o alcance de vida digna, com acesso à água potável, alimentos saudáveis, um local seguro para dormir, acesso a saúde e educação, pois somente

desta maneira seria possível conceber o desenvolvimento da ideia de felicidade, tornando-a uma meta de vida a ser seguida.

No polo oposto observa-se que os caminhos trilhados na história contemporânea são determinados por aqueles que controlam o Estado, utilizando-o como ferramenta para controle e manutenção de seus negócios, do rentismo, do autoenriquecimento que alimenta a ilusão do liberalismo econômico⁴⁷ como forma de chegada ao estado de bem-estar social.

Desta forma, observamos a dificuldade de enlaçar tal ideia de moralidade utilitarista, sendo que a perspectiva moral atual alimentada pelo mercado financeiro, ilusória, coloca uma massa populacional em disputa pelo mínimo de dignidade, de vida e sobrevivência e uma larga parcela da população sem condições de sobrevivência, abandonada à margem deste sistema de valores.

Nessa pesquisa, interpreta-se que a base para germinar e desenvolver os conteúdos da moral utilitarista está entrelaçada à luta para que as pessoas tenham condições de vida digna e não apenas uma busca de sobrevivência, algo que possa favorecer a reflexão do indivíduo sobre si e sobre os outros e que possibilite mudanças, pouco a pouco, da perspectiva moral familiar, comunitária, na cidade, no campo, enraizando tal valor como relevante e determinante na vida das pessoas, ou seja, compreendendo a “(...) utilidade como regra diretiva da natureza humana” (MILL, 2000, p. 139).

A sustentação desta teoria, para Mill, está num molde moral para a vida, no qual todo ser humano busca, se não a felicidade/prazer, ao menos a ausência da dor, caracterizando um modelo universal. Cabe salientar a aproximação do conceito de Mill com o conceito de *eudemonismo*⁴⁸, que sustenta a ideia de que a ética

47 O liberalismo econômico consiste na ideia da liberdade aplicada exclusivamente à economia, sendo ela livre de interferências do Estado. O princípio do liberalismo econômico visa defender a liberdade da ação produtiva, ou seja, as empresas terem o direito de escolher quais produtos fabricar, assim como os trabalhadores de escolher para quem querem trabalhar e, por fim, os consumidores serem livres para consumir os produtos que quiserem. A livre concorrência era incentivada e representaria um benefício para os consumidores e sociedade em geral, desde que seguisse os padrões éticos e morais previamente estabelecidos pela lei.

48 Eudemonismo é toda doutrina que considera a busca de uma vida plenamente feliz - seja em âmbito individual, seja coletivo - o princípio e fundamento dos valores morais, julgando eticamente positivas todas as ações que conduzam o homem à felicidade. A doutrina concentra-se sobre esta

primordial, a doutrina a ser seguida seria a de busca pela felicidade na vida, tanto no aspecto particular quanto no global e caracteriza como benéficas todas as circunstâncias ou ações que encaminham o indivíduo à felicidade. Desta forma, Mill aponta que:

Essas explicações suplementares não afetam a teoria da vida sobre a qual se funda a teoria da moralidade a saber, que o prazer e a imunidade a dor são as únicas coisas desejáveis como fins, e que todas as coisas desejáveis (...), são desejáveis quer pelo prazer inerente a elas mesmas, quer como meios para alcançar o prazer e evitar a dor (MILL, 2000, p. 187).

Assume-se, assim, a moral utilitarista como princípio fundamental para a vida. Um princípio universal que, supõe o autor, proporciona o pleno florescimento da liberdade social, individual e promove felicidade do ser humano. Para essa pesquisa, não deixa de ser uma visão que coloca como única forma de desenvolver o bem-estar e felicidade ao ser humano.

Ainda que se possa alegar que tal perspectiva esteja eivada de utopia, acredita-se, aqui, que as teses formuladas por Mill, além de fomentar uma visão extremamente crítica dos modelos tradicionais de se compreender as relações existentes entre o indivíduo, a sociedade e o estado, aponta caminhos possíveis para se repensar a vida em comum e abre espaço para a capacidade de formulação de alternativas ao mundo no qual vivemos. Desse modo, ideias que mobilizem o pensamento e despertem um profundo desejo de mudança da ordem existente, são, assim, entendidas como extremamente relevantes e imprescindíveis na atualidade. Podendo ajudar a florescer mudanças efetivas nas vidas de uma população.

oportunidade única de desenvolvimento pleno que constitui a vida terrestre e é, por conseguinte, ao sucesso desta vida, à felicidade imediata ou racionalizada por um tempo longo, tanto a própria quanto a de outrem, que a ação humana consagra logicamente o seu esforço, englobando as doutrinas éticas (de Aristóteles, Epicuro, Montaigne, Espinoza, Diderot).

3.3 – Seria o Movimento *Zeitgeist* uma perspectiva global plausível?

Examinam-se aqui as possíveis pontes e pontos de tensão na relação com o movimento *Zeitgeist*. A sociedade que pode vir a ser construída na perspectiva do movimento é uma sociedade em que o indivíduo precisará superar a dicotomia patrão/empregado, a troca de mercadorias por dinheiro, o trabalho como sobrevivência e sentido de vida, constituindo esta visão de mundo também uma mudança de valores profunda e, conseqüentemente, uma mudança de paradigma.

O movimento *Zeitgeist* expõe em seu documentário *Moving Forward* uma análise sobre a *natureza humana*⁴⁹, apontando que o ser humano não nasce prontamente egoístas, individualistas ou consumistas, e considera o meio social como determinante para o futuro desenvolvimento. Assim, a sociedade possui um papel fundamental no processo de formação e desenvolvimento intelectual e moral.

Segundo o movimento *Zeitgeist*, a natureza humana deve ser denominada como natureza *biopsicossocial*, sendo que todas as relações desde o nascimento, com os pais, familiares e amigos influenciam decisivamente no desenvolvimento de cada ser humano.

O questionamento feito pelo MZ para refletir sobre a questão da natureza humana é se as condições criadas no mundo moderno estão a favor da saúde, do desenvolvimento socioeconômico, do progresso e do bem-estar social. Quando nos questionamos e lançamos olhar em nossa sociedade, logo percebemos a existência de uma brutal desigualdade, pois as condições favoráveis à liberdade e felicidade hoje estão disponíveis e em funcionamento para poucos, mostrando desta forma que isso não seria natural e tampouco normal.

Neste sentido, tanto o movimento *Zeitgeist* quanto Mill propõem um modo de vida de caráter universal. Assim, a aproximação que podemos fazer entre os dois é em relação à noção de natureza humana. A natureza humana defendida por Mill significa que o ser humano não deve desejar/aceitar um nível de existência que sinta

49 O termo natureza humana expressa a própria dimensão do homem, ou seja, sua verdadeira essência, sendo sua formação, suas necessidades básicas seus sentimentos e sentidos, o seu viver e estar no mundo em convívio com o outro.

ser inferior, mas para isso depende de um direcionamento, do uso da regra utilitarista para a natureza humana. Mill aponta esta regra diretiva para a natureza humana como um modelo de utilitarismo que “não é a maior felicidade do próprio agente, mas a maior soma de felicidade conjunta. (...) O utilitarismo precisa cultivar universalmente a nobreza de caráter” (MILL, 2000, p. 194).

Desta forma, cabe observarmos como Mill desenvolve sua definição de utilitarismo atentando para sua base filosófica de uma moral em busca da promoção da felicidade para todos, assim como a formação de uma regra de conduta básica para o homem desde a mais tenra infância e sua finalidade existencial para a vida:

Segundo princípio da maior felicidade, o fim último, como referência ao qual e por causa do qual todas as outras coisas são desejáveis (quer estejamos considerando nosso próprio bem ou de outras pessoas), é uma existência isenta tanto quanto possível da dor, e tão rica quanto possível em deleites, seja do ponto de vista da quantidade como da qualidade. O teste de qualidade, a regra que permite mensurá-la em oposição à quantidade, é a preferência manifestada pelos que, em razão das oportunidades proporcionadas por sua experiência, em razão também de terem o hábito de tomar consciência de si e de praticar a introspecção, detêm os melhores meios de comparação. Sendo esta de acordo com a opinião utilitarista, a finalidade da ação humana, é necessariamente também o padrão de moralidade. Assim, é possível definir a moralidade como as regras e os preceitos da conduta humana, cuja observação permitiria que uma existência tal como a descrita fosse assegurada, na maior medida possível, a todos os homens; e não apenas a eles, mas também, na medida em que comporte a natureza das coisas, a todos os seres sencientes da criação (MILL, 2000, p. 194).

Mill demonstra que a doutrina utilitarista depende de uma sensível consciência de si e de uma mudança de valores, dada pela experiência de vida, que não está à disposição de todos, já que dependeria de um novo repertório educacional desde a infância; com um padrão de moralidade, um acolhimento social que proporcionasse este despertar de consciência sobre si e sobre os outros, que fizesse cada pessoa rever seu posicionamento no mundo e, desta maneira, possibilitar a qualificação ao invés da quantificação para a maior felicidade. Esta, então, seria assumida como regra diretiva para vida, guia para o bem próprio e para o outro, um bem social.

Mill elucida sua definição de felicidade e expõe os obstáculos para alcançá-la:

A felicidade de que falavam não significava uma vida de arrebuo, mas momentos de êxtase numa existência constituída de poucas dores transitórias, muitos e variados prazeres, com um claro predomínio do ativo sobre o passivo; existência fundada, em seu conjunto, sobre a ideia de não esperar da vida mais do que ela é capaz de conceder. Uma vida assim composta sempre se mostrou digna do nome felicidade aos que foram afortunados o bastante para alcançá-la. E mesmo agora essa existência é o destino de muitos homens durante uma parte importante de suas vidas. *A deplorável educação, os deploráveis arranjos sociais são, atualmente, o único obstáculo real a que quase todos a realizem* (MILL, 2000, p. 196). Grifo nosso.

A aproximação entre a ideia de felicidade tratada por Mill em sua obra e a concepção de felicidade defendida pelo movimento *Zeitgeist* têm aqui um ponto de contato; guardadas as devidas diferenças entre as ideias de Mill no século XIX e do MZ no século XXI, ambos consideram a felicidade como objetivo, como fim e como fundamental para a felicidade enquanto bem social, ou seja, tornando-a um elemento essencial para a humanidade.

O caminho para essa felicidade, defende-se, seria uma reconfiguração do sistema social e educacional, uma mudança de valores profunda e que possibilite uma condição de vida, de existência digna que minimiza a violência, os crimes e abusos:

Os objetivos valorizados pelo Movimento *Zeitgeist* e, por conseguinte, pelo *Projeto Vénus*, são o redesenhar da sociedade para o benefício de toda a humanidade, certificando-se de que nada falta a ninguém, maximizando a liberdade pessoal e a felicidade, ao mesmo tempo que reduz os comportamentos socialmente ofensivos, ou crime. (Guia de Orientação Ativista *Zeitgeist*; 2011, p.116).

é possível erradicar completamente a pobreza, em qualquer sentido que implique sofrimento, por meio da sabedoria da sociedade, combinada com o bom senso e a providência dos indivíduos". (MILL, 2000, p. 199)

(...) que a educação e a opinião, as quais possuem um poder tão avassalador sobre o caráter humano, deveriam usar esse poder para estabelecer no espírito de cada indivíduo uma associação indissolúvel entre sua própria felicidade e o bem do todo, principalmente entre sua felicidade pessoal e a prática desses modos de conduta, negativos e positivos, conforme prescritos pela felicidade universal" (MILL, 2000, p. 203).

A aproximação entre a proposta utilitarista de Mill e os ideais do movimento *Zeitgeist* apresentam uma possível consonância, principalmente no que diz respeito aos conteúdos da moral utilitarista; ambos possuem a preocupação de unir a humanidade com um mesmo objetivo - uma condição de vida digna a toda a

sociedade. Como exemplo poder-se-ia apontar: o acesso à água potável, à alimentação, à eletricidade, à saúde, à educação, às condições que tragam felicidade e paz ao indivíduo e ao coletivo.

Esta ideia de busca da felicidade como meta e diretriz para uma sociedade menos desigual é analisada e vista pelo movimento *Zeitgeist* como a relação simbiótica da vida, na qual tudo no planeta está interligado: as árvores, a água, os alimentos, a energia do sol e todos os seres têm uma interdependência. Cabe aos seres humanos compreenderem que são apenas parte do funcionamento do planeta e da natureza e que este tem seu próprio funcionamento.

A ideia que se mostra aparentemente simples e geral, mas que têm uma força e função essencial na mudança de valores da sociedade e da própria condição de existência do indivíduo é ensinar a pensar que os seres humanos não são dominadores e predadores por natureza e que não estão separados da natureza; são parte de um sistema planetário maior. Como apontado por Mill, seria o sentimento natural fazer parte de uma sociedade, viver em unidade:

Essa base do poderoso sentimento natural existe, e é ela que constituirá a força da moralidade utilitarista, desde que se reconheça a felicidade geral como critério ético. Essa fundação sólida é a dos sentimentos sociais da humanidade, o desejo de viver em unidade com nossos semelhantes, que já é um poderoso princípio na natureza humana, e felizmente um dos que tendem a se fortalecer, mesmo sem ser expressamente inculcado, pelas influências do progresso da civilização. O estado social é a um só tempo tão natural, tão necessário ao homem que, exceto em algumas circunstâncias incomuns, ou por algum esforço de abstração voluntária, jamais ele se concebe a si mesmo senão como membro de um corpo; e tal associação se fixa cada vez mais, conforme a humanidade se afasta do estado de independência selvagem (MILL, 2000, p. 224).

No que diz respeito ao trato da democracia “do conceito e prática” no período contemporâneo, parece importante examinar o papel da liberdade proposta por Mill no final do século XIX como nos dias atuais, presentes na proposta do movimento *Zeitgeist*.

Este trabalho não tem o intuito de aprofundar e/ou analisar o conceito de democracia⁵⁰. O objetivo desta reflexão se dá no sentido de compreender a relação

50 Tem-se o intuito de aprofundar o conceito de democracia em um futuro trabalho.

da liberdade proposta por Mill e o funcionamento desta dentro da democracia enquanto sistema político vigente.

O exercício do debate político, da própria ideia de democracia e do seu desenvolvimento, atualmente, está comprometido pelos interesses de minorias econômicas e políticas de instituições influentes na sociedade.

As propostas políticas são direcionadas pelos meios de comunicação que fazem parte de conglomerados dos setores mais abastados da economia, criando as necessidades de consumo junto às necessidades de interesse político, o que se torna uma arma política potente no modelo democrático. Procuram gerar interesses individuais difusos e conflitos no âmbito coletivo, no qual o povo não se reconhece/sente no poder.

Atualmente, a democracia, no cotidiano, mostra que houve um distanciamento do povo para com o exercício político. Este parece ter perdido o interesse, justamente porque não se reconhece no corpo político, geralmente partidário, com pautas determinadas, que muitas vezes nem estão de acordo com a totalidade de seus partidários/militantes correligionários, muito menos da sociedade. Assim, a população fica a serviço desse corpo político deixando o papel de protagonismo no exercício político individual.

Neste formato, a democracia parece ter se convertido em um meio para o favorecimento de interesses individuais, e, também, uma ilusão baseada na busca por poder, dinheiro e, conseqüentemente, consumo.

A noção de democracia de Mill, baseada na liberdade individual e social, com preocupações voltadas para o bem-estar da maioria da sociedade, parece estar longe da prática democrática atual. Nesse horizonte de desencantamento, o movimento *Zeitgeist* propõe ações para a aproximação de um exercício democrático, entendido como ações para atender aos interesses básicos da maioria da população, produzindo um importante incremento do bem-estar social.

Desse modo, é possível mostrar uma aproximação das ideias e propostas de Mill para a felicidade de humanidade e a ideia de democracia no movimento *Zeitgeist*, que propõe medidas para a realização dessa democracia com reflexões, proposições e ações diárias.

Entre Mill e o movimento *Zeitgeist* existem, guardadas as devidas proporções, e relações temporais, do século XIX para o século XXI, preocupações comuns; preocupações que dizem respeito a um modo de vida que seja realizável para os seres humanos, em que a humanidade tenha em seu sentido de viver, a felicidade como diretriz as condições básicas para isso, um compromisso ininterrupto com a liberdade e a cooperação mútua.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se trazer à luz, interpretar e examinar um movimento social norte-americano, o *Zeitgeist*, que atua através do ciberativismo e que se alastrou pelo mundo rapidamente através da internet, desde 2008. O *Zeitgeist* assentou suas bases em cada país através dos “capítulos”, que são as subdivisões da organização do movimento, com o objetivo central de divulgar os ideais do movimento, além de demonstrar o quão danoso o sistema capitalista é para a vida das pessoas e para o planeta que habitamos.

O sistema capitalista no século XXI está passando por um novo desafio para possibilitar sua manutenção, já que os fatores de crescimento populacional mundial (os consumidores) versus as condições ambientais (poluição do solo, ar e água) alcançaram um nível insustentável e o planeta não é capaz de oferecer mais recursos naturais e bens para uma população crescente e consumidora inconsequente.

Desde a Revolução Industrial do século XVIII na Inglaterra, inicia-se um processo de exploração de recursos naturais, associado à produção e ao consumo em larga escala, com a substituição dos homens pelas máquinas. O resultado foi a produção de bens e da agricultura em larga escala, por meio do advento da eletricidade e do uso dos combustíveis fósseis, revolucionando e dando velocidade aos meios de transporte e comunicação. Isto, por um lado, deveu-se a um anseio e à busca pelo novo, pelo progresso, pelo desenvolvimentismo, mas, por outro lado, desencadeou um esgotamento dos recursos naturais.

Estamos em meio a um novo paradigma econômico e social. Chegamos ao início do século XXI com a mesma sede de desenvolvimento, porém, diante do atual esgotamento dos recursos naturais⁵¹, não mais é possível manter tal funcionamento de modelo econômico capitalista de consumo. Consideremos, por exemplo, o fato de

51 Dados medidos pelo Global Footprint Network (GFN), quantificam a Pegada Ecológica das atividades humanas no mundo, desde a filtragem de gás carbônico até a produção de matéria-prima que o planeta Terra conseguiria produzir em 1 ano de forma sustentável. Medindo a diferença entre a capacidade de regeneração do planeta e o consumo humano. A conta deu negativa e até o final de 2018 precisaríamos de 1,7 planeta Terra, comprovando que o padrão de produção, consumo e estilo de vida são insustentáveis.

haver oito famílias que detêm mais riqueza do que metade da população mundial, o poder exercido pelas megacorporações globais, os grupos financeiros gigantescos, os conglomerados industriais ligados a eles e a seus negociantes (*dealers*), todos controlam o comércio de alimentos, minérios e combustíveis no planeta.

A concentração empresarial está mais ostensiva desde a década de 1950 com o acelerado desenvolvimento industrial, segundo os dados do Instituto Federal Suíço para Pesquisa Tecnológica (ETH), 147 grandes corporações (75% delas financeiras) controlam hoje, sozinhas, 40% do PIB do mundo. Dentro deste pequeno oligopólio/conglomerado existe um grupo ainda menor em que estão 28 bancos - “instituições financeiras sistematicamente importantes” (SIFIs)⁵², cada um com capital médio de US\$ 1,8 trilhão (superior ao PIB do Brasil, a sétima economia do planeta).

As consequências são drásticas - uma degradação total da democracia, já que estas instituições financeiras detêm um poder além dos Estados, com força maior e influência sem fronteiras, utilizando sedes e filiais em paraísos fiscais para atuar e cometer fraudes, evadir impostos, livremente, sem punições.

A concentração de riqueza, torna-se um obstáculo para reprodução do ciclo do capital, já que esse rentismo não produz absolutamente nada e ainda se apropria da riqueza social. Isso não possibilita o crescimento das empresas, a geração de mais empregos, a obtenção de lucros altos e nem o aumento do consumidor para o desenvolvimento e crescimento da economia, evidenciando a incapacidade do sistema capitalista de se manter por mais tempo.

A exploração desenfreada dos recursos naturais, as concentrações das riquezas não geram, portanto, o crescimento econômico e desenvolvimento social.

52 SIFIs: lista de bancos instituições financeiras sistematicamente importantes: Mizuho FG (Japão), Sumitomo Mitsui (Japão), Mitsubishi (UFJFG) (Japão), Banco da China, ICBC (China), Banco Agrícola da China, CBRC Banco de construção da China, Grupo Dexia (Bélgica), BNP Paribas (França), Crédito Agrícola (França), Groupe BPCE (França), Société Générale (França), Commerzbank (Alemanha), Banco alemão, Grupo Unicredit (Itália), Banco ING (Países Baixos), Banco Bilbao Vizcaya Argentaria (Espanha), Santander (Espanha), Nordea (Suécia), Crédito Suíço (Suíça), UBS (Suíça), Banco Real da Escócia (Reino Unido), Barclays (Reino Unido), HSBC Reino Unido, Lloyds Banking Group (Reino Unido), Standard Chartered (Reino Unido), Banco Real do Canadá, Banco da América (EUA), Banco de Nova York Mellon (EUA), Citigroup (EUA), Goldman Sachs (EUA), JPMorgan Chase (EUA), Morgan Stanley (EUA), State Street (EUA), Wells Fargo (EUA).

Tome-se como exemplos, as plataformas industriais que estão passando por processos de completa automatização, com a crescente robotização nas produções, as tecnologias da informação que, por meio dos computadores e internet, serão capazes de extinguir uma série de profissões, enquanto, nas escolas, com modelos educacionais obsoletos, estamos formando crianças para um mercado de trabalho que nem existirá.

O desafio seria aderir totalmente a esse paradigma, dando continuidade a um sistema econômico e social capenga e excludente, que vem causando fome, guerras e mortes em larga escala e numa velocidade assustadora ou a ele resistir, consumindo menos, protegendo os recursos naturais, denunciando os desmandos, lutando e permanecendo atentos. Resistir, portanto, modificando nossa forma de viver nesse sistema, remodelando a forma de ser e estar em sociedade e de fazer economia.

Se, por um lado, temos uma elite com privilégios, com força econômica política e policial, por outro, temos a população com suas formas inventivas para desenvolver alternativas para sobreviver e fazer frente a essa exclusão e destruição. São tentativas pequenas, locais, de se desvencilhar do sistema, de se desconectar, a partir de mudanças na sua família, no seu bairro, em coletivos, em cooperativas e movimentos sociais. Através da comunicação, da disseminação das informações, poder-se-á mobilizar mais as populações a lutarem em torno de uma mesma pauta a fim de nos salvarmos e de salvarmos o ambiente em que vivemos e queremos deixar para nossos filhos.

A estratégia metodológica utilizada deu-se através da apresentação detalhada dos documentários e livros de divulgação do movimento, suas propostas, bases intelectuais e inspiração, constituindo estas as fontes primárias para o desenvolvimento da pesquisa.

O movimento constrói sua base e confiança toda sobre a ciência e desenvolvimento tecnológico, coloca uma proposta econômica de economia baseada em recursos e propõe uma revolução de valores para realizá-los.

Constatou-se, neste trabalho, que a primeira premissa do movimento selecionada para análise é a utilização da ciência como método, aspecto que aparece como central para a tomada de decisões políticas sociais e ambientais;

observou-se que o aparato metodológico formulado pelo MZ busca com testes e levantamento de dados sobre cada localidade, cidade e suas necessidades, coordenar as melhores ações para as resoluções de problemas.

Essa proposta do movimento vem carregada de alguns pressupostos, como a acumulação do conhecimento científico e desenvolvimento tecnológico para a reversão ou mudança da situação em que a sociedade, e a espécie humana como um todo se encontraria. Oferece conserto, uma solução provisória ou a longo prazo, para a recuperação do meio ambiente, devido à sua degradação ao longo de séculos de exploração de minérios e conseqüente poluição ambiental advinda da plataforma industrial capitalista. Para tanto, elaboram propostas de um novo design de cidade, as cidades circulares como exemplo do *Projeto Vênus* e a utilização de fornecimento e geração de energia sustentáveis e renováveis, como eólica, solar, movimento de ondas e geotérmica.

Outro pressuposto importante que conecta literalmente estes pontos da tecnologia, política e economia seria o sistema *opensource*, um programa virtual administrativo público para gerir as necessidades de uma cidade, como água, comida, hospitais, roupas, constituindo um banco de dados que realoca e ordena as demandas de consumo na à localidade.

Na visão do MZ, a governança é passada para os computadores, retirando a necessidade de políticos e ou organizações partidárias e o próprio Estado; o próprio cidadão, através de um “aplicativo”, apontaria as falhas, faltas e sugestões para o sistema absorver e se atualizar a cada momento. Isso implica também uma mudança profunda no mundo do trabalho, na troca da mão de obra por dinheiro.

Este é o principal pressuposto do movimento, que acredita numa mobilização, numa revolução drástica no modo de pensar e uma mudança de valores morais, éticos e políticos. Nesse cenário a população abriria mão do dinheiro e do seu emprego, colapsando o sistema financeiro capitalista gradativamente. Alternativas seriam a redução da jornada de trabalho pela metade, a troca e compartilhamento de bens e serviços inseridas paulatinamente, de acordo com a adesão da população.

Assim, a tecnologia seria a solução para a aplicação dos ideais do movimento, como a substituição dos políticos por computadores que gestariam as

necessidades da cidade, na economia; a substituição da mão de obra humana por máquinas nos serviços maçantes, repetitivos e precários; na produção de alimentos; na produção de energia renovável.

As pautas do movimento *Zeitgeist* estão, deste modo, diretamente ligadas à superação do sistema capitalista, passando pela necessidade imediata de compreender e desenvolver uma mudança de valores, pois a condição humana não poderia ser naturalizada como uma competição em um sistema econômico destrutivo, assim como não deveria receber apoio, patrocínio das religiões para continuar e persistir vivendo em uma frustrada corrida atrás do dinheiro.

Para tanto, o MZ propõe várias reflexões quanto ao funcionamento destrutivo do sistema capitalista: a falta de emprego, as condições precárias e insalubres de trabalho, o acúmulo de riquezas nas mãos de poucos, a falta de saúde, aposentadoria, o preconceito com as mulheres e etnias no mundo do trabalho, a educação como mercadoria, a especulação na bolsa de valores, o processo de desumanização e coisificação do ser humano no trabalho que necessita imitar o funcionamento de uma máquina, a destruição e poluição do meio ambiente e a produção de comida com agrotóxicos. Estes são algumas das principais contradições vigentes no sistema capitalista postas em evidencia pelo movimento e que podem ter o efeito de cativar as pessoas para uma mudança, em uma concepção de vida mais cooperativa, de consumo sustentável e consciente.

A forma encontrada pelo MZ para abarcar essa nova concepção de vida e valores é a de uma economia de recursos, sendo contabilizados em cada região, em cada cidade, os recursos disponíveis como água, comida, eletricidade, bens e serviços essenciais, somando-os e distribuindo-os de forma cooperativa e igualitária. Com um banco de dados contabilizado dos recursos disponíveis é possível um planejamento semanal e mensal, de consumo dos cidadãos. Tal planejamento instigaria e animaria o cidadão a colaborar para o funcionamento das cidades, tendo algumas poucas horas de seu dia para trabalhar, produzindo estritamente o necessário e desempenhando uma função para produzir algum produto ou serviço para a comunidade.

Nessa concepção, o trabalho deve se configurar em algo prazeroso, que dá a oportunidade de sentir prazer no desempenho de determinada função, a liberdade de fazer aquilo que deseja e a liberdade de influir e cooperar com um coletivo.

A meta do MZ é que seus ideais de uma nova forma de pensar e a aplicação de uma economia de recursos se espalhem por todo o planeta. Para isso vê na educação um fator de conscientização e na própria degradação do sistema capitalista mecanismos para incentivar a adesão de mais adeptos.

Essa nova forma de pensar se dará, de acordo com o MZ, pela liberdade e a liberdade entendida como requisito básico para a felicidade; a possibilidade do amor em cada mente, em cada casa, na busca de um objetivo coletivo e individual de mudança na sociedade estaria baseada na igualdade de cooperação; defendem uma luta persistente e valente por liberdade em todos os continentes para todos os povos, uma luta por uma democracia plena colaborativa, que seja sentida e de faça sentido para todos.

Esta forma de pensar e agir no mundo foram inspiradas no *Projeto Vênus*, que tem um centro de pesquisa localizada na cidade de Vênus (Flórida). Ali seu idealizador, Jack Fresco, desenvolveu a planta de uma cidade circular, um projeto futurista e sustentável, com estruturas metálicas. Os ideais do *Projeto Vênus* têm total conexão com os do movimento *Zeitgeist*, pois observam o sistema monetário como principal causa para o sofrimento e desigualdade social. Apontam para a tecnologia, que utilizada de forma certa, consciente e sustentável, poderia tirar as pessoas das privações, assim como para a construção e/ou reconfiguração das cidades, esculpindo-se em locais de cooperação.

A defesa da liberdade estabelecida por John Stuart Mill tornou-se, uma espécie de farol para a busca de entendimento quanto à mudança de pensamento proposta pelo movimento *Zeitgeist*. Segundo Mill, a mudança no indivíduo e, conseqüentemente, na sociedade, viria da associação da liberdade, de pensamento, de expressão e do social, amparada na doutrina utilitarista que, por sua vez, visa encaminhar o indivíduo e a sociedade para um princípio primordial: o princípio da felicidade.

Para a constituição desta doutrina ética, desta moral utilitarista, é preciso uma base mínima de condições de dignidade humana, para além da sobrevivência, para

que assim possa emplacar tal ideal e tal reflexão ao indivíduo, que possa permitir uma mudança radical de perspectiva moral. Com isso o utilitarismo teria espaço e as condições necessárias para desenvolver-se como crença, como princípio moral para operar na vida das pessoas, constituindo obrigação consciente e moral a luta pela felicidade.

Este modo de vida se tornaria uma conduta para a humanidade, com espaço e condições por meio da educação, pois aciona no homem à moral que o conduz na sociedade, aquela que faz parte da própria natureza humana, seu senso de honra e generosidade.

Portanto, os objetivos do MZ encontram uma certa semelhança na moral utilitarista, principalmente quando convergem num objetivo comum e universal, que seria a união, a criação de elos na humanidade para o desenvolvimento de uma vida digna, sustentável, cooperativa, e que permita a busca da felicidade, do prazer, da ausência de dor ou diminuição do sofrimento.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, João Carlos Medeiros de. **Parlamentos comparados: visão analítica contemporânea** (Brasil, Espanha, EUA, França, Inglaterra e Japão) 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, (Série temas de interesse do legislativo; n. 33 PDF), 2017.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**, 10ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e Anarquia**. São Paulo: Imaginário, 2003.

BERKOWITZ, Matt; JOSEPH; Peter, MCLEISH, Ben. **O Movimento Zeitgeist: uma nova forma de pensar**. Tradução para o Português. Grupo de colaboradores MZ.2014, n/p. Disponível em: Acessado em 19/07/2016

_____. **The Zeitgeist Movement Defined Realizing a New Train of Thought** 1st Edition, January, 2014.

BETTON, Gerard. **Estética do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1ed, 1987.

CARVALHO, Sid Vasconcelos. **O cinema como objeto de estudo acadêmico**. Política e Trabalho, Revista de Ciências Sociais n.31, p.197-211, 2009.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; AMÂNCIO, Tunico. **Análise e representação de filmes em unidades de informação**. Brasília: vol.34 n.1 p.89-94, 2005.

CUPITT, Don. **Depois de Deus** – 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999

ELIADE, Mircea **História das Crenças e das Idéias Religiosas** – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

Dicionário de Política; Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino Ed. Universidade de Brasília 2. Ed., 1986.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo? São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas** – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FREMANTLE Anne. **A Idade da Fé**. Rio de Janeiro, José Olympio, Biblioteca de História Universal Life, 1970.

GIARDELLI, Gil. Blog Inovadores, **Exibições do documentário** Disponível em: Acessado em 20/07/2016

GIANNOTTI, José Arthur. **Auguste Comte 1798-1857**. C739c Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista / Auguste Comte; seleção de textos; (Os pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GIMENES, Macio de Paula. O Estado o Indivíduo: o Conceito de Liberdade em J.S.Mill. **Polymatheia** - Revista de Filosofia. Fortaleza. vol III, 2007.

Global Footprint Network. (GFN). disponível em: acessado em 01/07/2018.

HAWKING, Stephen W. "**O Grande Projeto**", novas respostas para as questões definitivas da vida, Nova Fronteira.2011.

HEGEL, Georg W.F. **Filosofia da História**. Brasília: EDUNB. 2008

HOBSBAWM, Eric J. **A ERA DAS REVOLUÇÕES** (1798-1848). 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. P. 5-286

JAPIASSÚ, Hilton. Marcondes, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**.3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,2001.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Comentários sobre o Viver**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

_____. **Reflexões sobre a vida**. São Paulo: Cultrix. 1975.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Perspectiva, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

MILL, John Stuart. **A Liberdade/Utilitarismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

____. **Ensaio sobre a Liberdade**. Escala, 2006.74-189, 2013

MOREIRA, Deodoro José. **11 de setembro de 2001**: Construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos. Dissertação de Mestrado PUCSP.2004.

MORILLO. David Carrión. Saberes Revista de estudios jurídicos, económicos y sociales **ALEXIS DE TOCQUEVILLE (1805-1859): VIDA Y OBRAS**. Universidad Alfonso X el Sabio Avda. de la Universidad, Villanueva de la Cañada (Madrid, España) Saberes, vol. 3, 2005

Movimento Zeitgeist Brasil. disponível em: <http://movimentozeitgeist.com.br/>
Acessado em 20/07/2016

Movimento Zeitgeist Brasil. disponível em: <https://www.facebook.com/mzbrasil/> .
Acessado em 02/02/2017

Movimento Zeitgeist Global. disponível em: <https://www.facebook.com/tzmglobal/>.
Acessado em 02/02/2017

PAINE. Thomas. **Os Direitos do Homem**. Vozes, 1988.

____. **A Era da Razão**. Vol 1. Clube dos Autores. Publicação original, 1794.

____. **O Senso Comum e a Crise**. Brasília: EDUNB, 1982.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes - conceitos e metodologias**.VI Congresso sopcom, bocc. 2009.

PERKINS, John. **Confessions of an economic hit man**. USA: Berrett-Koehler Publishers, 2004.

POPPER, Karl. **A Miséria do Historicismo**. Tradução: Octany S. da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo: EDUSP, 1980.

____. **Conhecimento Objetivo**: Uma abordagem evolucionária. Tradução: Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

ROQUE, Maria Isabel. **O Menino de Belém**: Da Festa do Natal à Iconografia da Natividade e da Adoração, *Gaudium Sciendi*, Nº 5, EU. 2013.

ROSA, Christian Fernandes Gomes. **Jeremy Bentham e a constituição do conceito de direito no pensamento jurídico moderno**. *Revista Estudos Jurídicos UNESP, Franca, A. 14 n.20*, p. 01-348, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**, Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SIMÕES, Mauro Cardoso. **John Stuart Mill e a Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

____. Rule-Utilitarianism. **Ethic@** (UFSC), v. 8, p. 47-61, 2009.

____. John Stuart Mill: Utilitarismo e Liberalismo. **Veritas** (Porto Alegre. Impresso), v. 58, p. 1

The Venus Project. disponível em: <https://www.thevenusproject.com/> . Acessado em 20/07/2016

The Zeitgeist Moviment. disponível em: <https://www.thezeitgeistmovement.com/> Acessado em 02/02/2017.

VANCURA, Guilherme. Blog Vila Terra. **Movimento Zeitgeist**. disponível em: Acessado em: 20/07/2016.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga** – 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXOS:

POBREZA EXTINÇÃO GUERRA DESIGUALDADE
FOME CRIME CORRUPÇÃO
DESEMPREGO CRIME CORRUPATIVISMO DOENÇAS
ESCRAVIDAO IMPOSTOS DESPERDICIO
DEVASTACAO POLUICAO DEGRADACAO TAXAS
DOENÇAS DESIGUALDADE CRIME IMPOSTOS FUME


**ESTÁ NA HORA DE
MUDAR
NÓS TEMOS UM PLANO**

**MOVIMENTO ZEITGEIST
BRASIL**

WWW.MZBR.COM.BR

WWW.THEZEITGEISTMOVEMENT.COM

**SEM MISÉRIA, CORRUPÇÃO E GUERRA
CONHEÇA O MOVIMENTO E
JUNTE-SE A NÓS**

 Movimento Zeitgeist Brasil



Folders com propaganda do

MZ direcionada ao público brasileiro.

SCIENCE TECHNOLOGY NATURE SUSTAINABILITY

THE ZEITGEIST MOVEMENT PRESENTS

Z-DAY 2017

SATURDAY 25TH & SUNDAY 26TH MARCH

9TH ANNUAL GLOBAL EDUCATIONAL SYMPOSIUM

TOWARDS GLOBAL UNITY AND ABUNDANCE

$f_p(E_{design}, E_p, E_{dist}, E_r) \rightarrow \max.$

- PRESENTATIONS
- LIVE PERFORMANCES
- VEGAN FOOD
- DRINKS
- WORKSHOPS

NEW GLOBE THEATRE
FORTITUDE VALLEY
BRISBANE, AUSTRALIA

WANT CHANGE?
WWW.THEZEITGEISTMOVEMENT.COM

TICKETS AVAILABLE AT **Eventbrite**
ZDAY2017-AUS.EVENTBRITE.COM

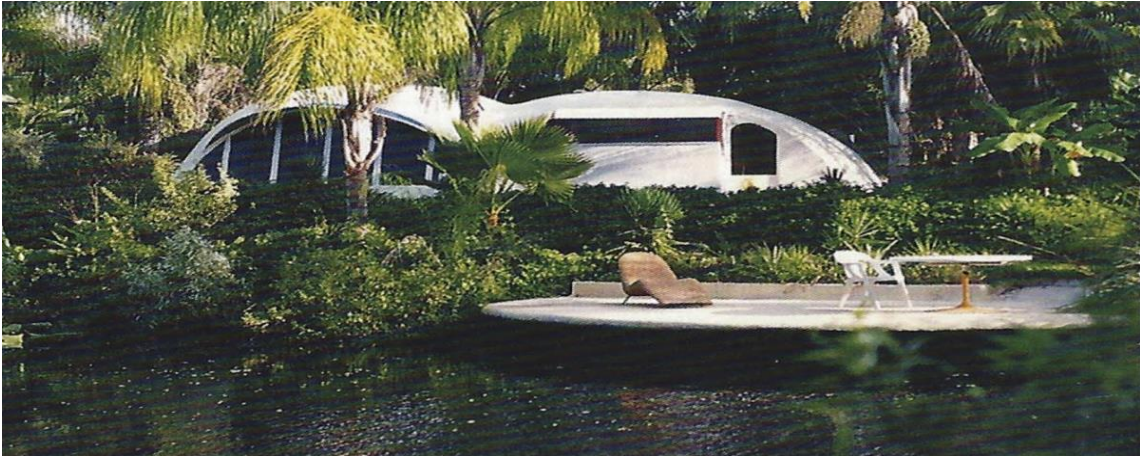
PETER JOSEPH
DEAD LETTER CIRCUS
THE FUTURE THINKERS
SEANOR GOLDFIELD
...AND MORE

f /TZMGLOBAL t /TZMGLOBAL

Fôlder do principal evento MZ



Jack Fresco na construção do Projeto Vênus.



Casa construída no Projeto Vênus, Florida.



Projeto de autoria de Jack Fresco, Cidade Circular.



Manifestação organizada por jovens do Movimento *Zeitgeist*, em Lisboa, Portugal - 18 de agosto de 2010.





MOVING
ZEITGEIST
FORWARD
O FUTURO É AGORA

ENTRADA
FRANCA

15 e 16 de janeiro às 19h no Oi Futuro Ipanema
Rua Visconde de Pirajá, 54 Tel: 3201-3010 Distribuição de ingressos 30 minutos antes do filme

GENTLE MACHINE PRODUCTIONS LLC APRESENTA "ZEITGEIST: MOVING FORWARD" ESCRITO E DIRIGIDO POR PETER JOSEPH
APRESENTANDO O PROJETO VENUS MÚSICA DE PETER JOSEPH, LIL HYDAN & YES ANIMAÇÕES DE WATERTOWER ANIMATION

WWW.ZEITGEISTMOVINGFORWARD.COM - WWW.THEZEITGEISTMOVEMENT.COM - WWW.ZEITGEIST3.COM.BR - WWW.M2BR.COM.BR

apoio:
oi

Fôlder do Movimento *Zeitgeist* convidando o público brasileiro para assistir e conhecer o documentário do movimento.